

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**MAINARA ROSSO**

**AS DATAS COMEMORATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE  
A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NAS AULAS DE ARTES.**

**CRICIÚMA**

**2014**

**MAINARA ROSSO**

**AS DATAS COMEMORATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE  
A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NAS AULAS DE ARTES.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Esp. Izabel Cristina Marcilio Duarte.

**CRICIÚMA**

**2014**

**MAINARA ROSSO**

**AS DATAS COMEMORATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE  
A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NAS AULAS DE ARTES.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 27 de novembro de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Izabel Cristina Marcilio Duarte –Esp. Ensino da Arte - (UNESC) – Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Katuscia Angélica Micaela de Oliveira – Esp. História da Arte – (Faculdade de Capivari/ SC)

Prof. Marcelo Feldhaus –Mestre em Educação - (UNESC)

**Dedico primeiramente a Deus por ter me dado força, coragem e sabedoria para chegar até aqui; a minha família, pai, mãe, irmãos e namorado por sempre estarem ao meu lado, me apoiando e não deixarem-me desistir; e aos professores, amigos e inspiradores que de alguma forma contribuíram nesta trajetória.**

## **AGRADECIMENTOS**

Durante este percurso de quatro anos confesso que passei por momentos bons e ruins, mas que com certeza, de alguma forma todos serviram para algum aprendizado em minha formação.

Obrigado a todos os professores que contribuíram para que esse aprendizado se realizasse e em especial a minha orientadora, Izabel, pelos ensinamentos nessa etapa final permitindo que a pesquisa se concretizasse.

Em especial também agradeço ao meu pai e a minha mãe, que sempre acreditaram em mim e que não mediram esforços para me proporcionar uma educação de qualidade.

Ao meu namorado que sempre esteve ao meu lado, me ajudando em tudo que precisasse.

As amigadas construídas nesses quatro anos que foram essenciais nesse percurso.

E para finalizar agradeço a todas as escolas e professores pelo acolhimento, tornando possível a realização desta caminhada.

**“Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira.”**

**Madalena Freire Weffort**

## RESUMO

A presente pesquisa objetiva refletir a maneira como são abordadas as datas comemorativas nas aulas de artes com alunos da Educação infantil da rede municipal de Siderópolis/SC, analisar qual a visão dos docentes e suas metodologias acerca deste tema. Com isso busca-se refletir sobre este assunto tão presente no ambiente escolar, onde muitas vezes é trabalhado de forma descontextualizada, estereotipada, não ocorrendo uma relação entre currículo e as identidades sociais. E trago como problema da pesquisa: O que dizem os professores da Educação Infantil sobre a abordagem de datas comemorativas nas aulas de Artes? Esta pesquisa é de natureza básica e de cunho qualitativo, e para coleta de dados foi utilizado um questionário aplicado a três professores atuantes na educação infantil na rede municipal de Siderópolis/SC. Para a fundamentação deste trabalho utilizou-se autores como Ana Mae Barbosa (2003), Maria Carmen Silveira Barbosa (2008), Maria Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz; Maria F. de Rezende Fusari (1993), entre outros. Dessa maneira, a pesquisa ressalta o trabalho com datas comemorativas nas aulas de Artes, fazendo com que os professores repensem na metodologia que ainda utilizada, onde muitas vezes ainda é enfatizado de forma estereotipada, descontextualizada e que em sua grande maioria surge a partir da determinação da direção.

**Palavras - chaves:** Ensino da arte; Currículo; Datas Comemorativas.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
PPP	Projeto Político Pedagógico
C.E.I	Centro de Educação Infantil
E.E.B.M	Escola de Educação Básica Municipal

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 AS CONQUISTAS DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO.....</b>	<b>15</b>
2.1 ARTE E CURRÍCULO ESCOLAR.....	20
<b>3 A REALIDADE DO ENSINO DE ARTE NO MUNICÍPIO DE SIDERÓPOLIS.....</b>	<b>29</b>
<b>4 ENSINO DA ARTE: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO X DATAS COMEMORATIVAS – UM DIÁLOGO POSSÍVEL?.....</b>	<b>35</b>
<b>5 APRESENTAÇÃO E OBSERVAÇÃO DE DADOS.....</b>	<b>41</b>
<b>6 PROPOSTA DE CURSO.....</b>	<b>48</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO(S).....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO A - MODELO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA COM PROFESSORES.....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXO B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE SIDERÓPOLIS.....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO COM O PROFESSOR INTITULADO POR A. NA ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO D – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A PROFESSORA INTITULADA POR M.L. NA ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO E – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A PROFESSORA INTITULADA POR P. NA ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>68</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante três anos em que venho atuando como professora de Artes, muitas questões sobre conteúdos e planejamentos vêm me inquietando. Será que realmente damos o verdadeiro valor para a aprendizagem em arte, desenvolvendo uma concepção significativa em nossas aulas? Quando determinamos o que deve ser produzido será que estamos construindo o verdadeiro conceito de arte com nossos alunos?

Este ano de 2014, em especial, na escola onde trabalho, algumas professoras me solicitaram que incluísse em meu planejamento atividades relacionadas às datas comemorativas. Essa questão já me inquietava nos anos anteriores por várias razões, pois fui percebendo que em algumas escolas na maioria das vezes não há um questionamento da importância que essas abordagens trazem de significativo para os alunos. Durante minha atuação não presenciei relatos de professores ou direção que as atividades a serem desenvolvidas devem ser realizadas a partir de conversas, discussões, questionamentos, realizando pesquisas sobre seus surgimentos, significados etc. Apenas se preocupam em realizá-las, e muitas vezes de maneira superficial, descontextualizada, onde o resultado são apenas as “quantidades” a serem realizadas, seja para agradarem os pais, ou por estarem imersos na cultura de massa, onde tradições antigas estão atualmente ligadas ao mercado de consumo, e sem consciência, reproduzem sem um mínimo de reflexão. Segundo Ostetto (2000, p. 183):

A articulação é aparente justamente porque não amplia o campo de conhecimento para as crianças, uma vez que as datas fecham-se em si mesmas, funcionando mais como pretexto para desenvolver esta ou aquela atividade ou habilidade.

De todas essas situações ainda está o fato de serem trabalhados todos os anos as mesmas atividades, os mesmos modelos, com as mesmas turmas. Posso relatar uma experiência vivida em minha atuação docente, que uma professora das séries iniciais veio pedir uma opinião minha sobre uma atividade que iria aplicar com sua turma que utilizaria na comemoração do dia dos pais. A produção artística era um cartão onde o molde era um cachorro e as orelhas um par de meias.

Fiquei assustada, pois recorro que fiz esse mesmo tipo de cartão quando estava nas séries iniciais do ensino fundamental. Desta maneira, o trabalho com as datas comemorativas torna-se algo tedioso, repetitivo e acabam por não ampliar o repertório cultural.

Essa realidade mostra que o planejamento escolar vem sendo entendido como a seleção de conteúdos, disciplinas, carga horária, avaliação e metodologia onde são discutidos sem uma perspectiva de construção, significado para o aluno, a quem realmente importa. O currículo é passado ao professor, onde ele repassa os conteúdos, muitas vezes descontextualizados e desatualizados com relação à realidade do aluno.

Desta forma o aluno recebe conteúdos sem significados, fora de sua realidade, promovendo desinteresse pela não compreensão e significação do assunto.

Este ano as inclusões de datas comemorativas em meu planejamento vieram quase que em caráter obrigatório, pois segundo falas na escola, as professoras de Artes dos anos anteriores é que ficavam com essa “parte”, é que tinham o compromisso de dar visibilidade a estes temas na escola. Com isso fui percebendo que o trabalho com datas comemorativas era prioridade no ambiente escolar.

A partir de minha inquietação, senti a necessidade de buscar refletir nessa pesquisa sobre a maneira como as datas comemorativas são abordadas nas aulas de Artes, através de uma pesquisa com professores da rede municipal de Siderópolis, onde busco perceber se há uma contextualização na metodologia desenvolvida para esses temas, entre outras questões. Onde trago como objetivo geral: Investigar na fala dos professores da Educação Infantil sobre a abordagem de datas comemorativas nas aulas de Artes. E como objetivos específicos: Compreender se as datas comemorativas estão relacionadas a cultura dos alunos ou a mídia/consumo; analisar a partir de que contexto as datas comemorativas passam a ser significativas para os alunos e perceber se cabe às aulas de Artes a abordagem das datas comemorativas.

Sendo assim, visto provocar outro olhar sobre este assunto que está tão presente nas escolas, presente no calendário escolar, onde no início do ano vemos professores preocupados a organizar a lista de festas, lembrancinhas para os alunos, onde acabam preenchendo o ano letivo, sem que haja uma reflexão ou

questionamento entre os professores sobre o significado dos temas a serem abordados.

Partindo dessa perspectiva trago nessa investigação, como problema: O que dizem os professores da Educação Infantil sobre a abordagem de datas comemorativas nas aulas de Artes?

De acordo com as linhas de pesquisa do Curso de Artes Visuais<sup>1</sup>, minha pesquisa segue a linha Educação e Arte, onde tem como princípios teóricos e metodológicos a educação e arte. As linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação.

Quanto à natureza das variáveis a serem pesquisadas, de acordo com Severino (2007), este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza básica, onde objetiva gerar novos conhecimentos, úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.

A forma de abordagem do problema, segundo Severino (2007), considera-se qualitativa, pois há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

Aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva. Também tem como objetivo a descrição das características de determinadas populações ou fenômenos, em que é utilizado coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Os procedimentos técnicos têm como base de pesquisa bibliográfica, pois é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e coleta de dados, onde é basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade.

Para que ocorra o diálogo sobre o tema abordado trago no primeiro capítulo juntamente com a introdução, minhas inquietações e reflexões sobre a abordagem das datas comemorativas nas aulas de Artes. O segundo capítulo traz como tema: As conquistas do ensino de arte no Brasil: breve histórico, onde ponho

---

<sup>1</sup>Linhas de Pesquisa e Orientadores: Artes Visuais - Licenciatura. Disponível em: <<http://ead.unesc.net/ava/index.php?1401148509>> Acesso em: 26 de maio de 2014 às 21h02min.

em diálogo o ensino da arte juntamente com sua história, mostrando como foi o caminhar das conquistas para o ensino, suas mudanças, tendo como marco principal o Brasil e a influência da cultura estrangeira. Este diálogo acontece com Loius Porcher (1982), o qual aborda uma análise sobre a inclusão da educação artística no currículo escolar, procurando estabelecer o seu grau de importância pedagógica. Também trago nesse capítulo a monografia de Dirce Maria Savaris Rossi (1993) onde seu trabalho mostra a realidade escolar da disciplina Educação Artística a partir de opiniões de professores e alunos do magistério de escolas das redes do município de Siderópolis, e Silvia Sell Duarte Pillotto (2005) onde o livro traz reflexões sobre currículo, integração entre as universidades o ambiente escolar os espaços não-formais, envolvendo a arte. Também somando ao diálogo trago os PCN (1997), e as Leis de Diretrizes e Bases (LDB). Sendo que essas opiniões de épocas distintas propiciam um comparativo para sabermos se algo mudou sobre a conquista do espaço da arte nas escolas do nosso país. Complementando, no sub capítulo 2.1 venho abordar a arte e o currículo escolar, definindo a palavra currículo, o currículo de arte e suas mudanças. Dialogo com Pilotto (2005), Barbosa (2003), Moreira e Silva (2002) e Silva (1999).

Na seqüência, no capítulo 3, o diálogo acontece novamente com Rossi (1993), Barbosa e Horn (2008), Barbosa (2003) e também relatarei as escolas de Siderópolis, os planejamentos de ensino dos professores de artes atuantes na Educação Infantil e os PPP das escolas escolhidas para a pesquisa.

No capítulo 4 propõe-se um diálogo sobre o ensino da arte na construção do conhecimento e datas comemorativas, dialogando com autores como, Santos (2006), Ferraz e Fusari (1993), Lowenfeld (1954), Pereira (2013), Barbosa e Horn (2008), Liblik; Ciscato, Gralik (2012) e Tonholo e Oliveira.

No capítulo 5 apresento a observação de dados, onde as questões e respostas dos professores são contempladas de forma a responder, ou não, o problema abordado na pesquisa, onde dialogo Silva (1999), Pereira (2013), Gorsky (2010), Ruberti (2012) e Santomé (1998).

No capítulo 6 apresento a proposta de curso, onde para sua construção utilizo autores como Sampaio (2012), Silva (1998), e o PCN (1997).

E no capítulo 7 finalizo minhas questões com as considerações finais.

## 2 AS CONQUISTAS DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO

A arte<sup>2</sup> esteve presente desde o início da história da humanidade. É uma linguagem universal própria do ser humano, ela esteve e está presente nos principais movimentos e períodos da humanidade. Desde uma sociedade mais primitiva, isolada, até as sociedades de maiores poderes aquisitivos, distintas em épocas, estilos e momentos históricos apresentam seus gostos estéticos.

Durante as últimas décadas a sociedade veio sofrendo algumas transformações, tanto no social, político, quanto econômico, e na educação não foi diferente, o que repercutiu também o ensino da Arte. No entanto, se formos falar da área de arte na educação, tendo como marco principal o Brasil notaremos que seu percurso é recente. Apenas a partir do século XX, é que a palavra arte começa a ganhar mais espaço, onde coincide com as transformações educacionais. Pois ela se dá quando inicia a formação de profissionais em arte através de instituições de ensino, como a Academia de Belas-Artes no Rio de Janeiro, a partir daí, a educação escolar em arte começa a ter algumas de suas conquistas e transformações.

As academias reproduziam exercícios de cópia e reproduções, o desenho era o principal conteúdo a ser estudado. Com essas práticas a arte passa a ter a ideia de que para ser artista precisava ter alguma habilidade, “dons”. As classes desfavorecidas tinham o ensino da arte voltado para o domínio técnico, onde visavam prepará-los para o mercado de trabalho, porém as pessoas com um poder aquisitivo eram educadas para desenvolver o gosto apreciativo pelas obras de arte.

Nesta visão decorre, como vemos obscuro, mas ao mesmo tempo muito claro conflito que ainda não foi superado, e que se baseia em duas confusões opostas e complementares. Por um lado, predomina a idéia de que a Arte, tanto na sua criação quanto ao seu consumo, é uma atividade aristocrática, portanto, fora das possibilidades da multidão que precisa trabalhar para viver; e, por outro o acesso aos valores estéticos obedece a leis misteriosas e quase sagradas, baseadas no dom gratuito, inato, fortuito” (PORCHER, 1982 apud ROSSI, 1993, p. 14)

No início do século XX surgem autores que formularam princípios para o ensino da arte, onde reconheciam a arte da criança como desenvolvimento natural, manifestação espontânea, auto-expressiva. Essa liberdade fez com que as aulas de

---

<sup>2</sup>A utilização da palavra arte com letra minúscula se designa ao conceito da arte, e a utilização da palavra Arte com letra maiúscula se refere à disciplina.

Artes fossem vistas como algo onde tudo era permitido, os alunos criavam suas produções artísticas sem uma orientação informativa, estética que trazia a concepção da arte. O que importava era o processo criador da criança e não o que vinha a realizar, onde um dos lemas era o aprender a fazer, fazendo, deixar a criança fazer suas produções artísticas sem intervenções.

Sob pretexto de liberar o aluno, deixa-se com demasiada frequência que ele faça pura e simplesmente aquilo que quer. Na raiz deste comportamento está a crença na espontaneidade original, na riqueza criativa das crianças. Quando se torna excessiva, a generosidade transforma-se em mistificação do mestre e do aluno. Para liberar a criança, não basta confiar inteiramente nela, é preciso também dar-lhe os meios para a realização dessa liberdade. (PORCHER, 1982, p. 21)

Na década de 60, arte-educadores lançam um novo olhar para o ensino da arte, questionando a livre expressão da criança, e fazendo com que a arte seja uma contribuição na formação do ser humano (PCN, 1997).

Até os anos 60 professores de qualquer disciplina, ou com alguma habilidade na área poderiam assumir as atividades que ocorriam na escola sobre a arte. Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, faz com que a arte seja incluída no currículo escolar intitulada como Educação Artística, mas ainda não era considerada como uma disciplina, uma área de conhecimento, mas sim como uma atividade educativa, extracurricular (PCN, 1997).

Na década de 70, cursos de licenciatura curta e plena para formação de professores começam a ser implantados para a formação de profissionais competentes na área, denominado de Educação Artística. Com o passar do tempo foi comprovado que o curso não dava conta de preparar um profissional para sua atuação no ambiente escolar, sendo assim atualmente não existem mais a formação de professores por licenciatura curta.

A licenciatura curta se dispõe a preparar o professor, em dois anos, para ensinar artes visuais, música e teatro para o 1º grau. A licenciatura plena é adquirida em mais um ano e confere a habilitação para o 2º grau. Em muitos estados, entretanto, apenas a curta é suficiente para habilitar professores de 2º grau. (ROSSI, 1993, p. 7)

Com a implantação dos cursos surgem alguns problemas, pois os professores do curso de graduação estavam ligados especificamente a arte, mas não a questão pedagógica, pois as aulas eram ministradas por artistas plásticos,

músicos, poetas, atores, fazendo com que o ensino fosse direcionado mais a questão técnica da arte e não a sua leitura, contextualização, apreciação.

Nas escolas também não era diferente, pois até que os professores pudessem complementar sua formação em licenciados em arte, foram os profissionais dessas áreas que atuaram no ambiente escolar. Com pouca orientação sobre a área da educação os professores aplicavam os exercícios que estavam acostumados, sem nenhuma orientação de como se trabalhar a arte. Com isso o professor também se depara com a polivalência. Os professores passam a atuar em todas as áreas, desorientados, inseguros, tentando relacionar um elenco de atividades envolvendo a música, artes plásticas, teatro. Com isso surge a diminuição da qualidade nas especificidades da arte.

Nas escolas a Educação Artística não era considerada uma disciplina, mas um momento de atividade com pouca importância, onde muitas vezes acontecia em horário extraclasse, onde qualquer assunto poderia ser abordado. Não havia horários estabelecidos para as aulas. Diante deste descaso a área começa a ser desvalorizada tanto nas escolas como nas universidades, onde seu propósito era servir o interesse de outras disciplinas.

[...] educação artística não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao saber das tendências e dos interesses, concordando com o ensaísta Celso Kelly. Deixa clara, assim, a pequena relevância de qualquer estudo a respeito do objeto de ensino Arte, sendo ela considerada apenas momento de relaxamento em meio às outras atividades – geralmente maçantes – da escola. (PIMENTEL, 1999 apud PILLOTTO, 2005, p. 45).

O conhecimento era voltado na transmissão de padrões e modelos predominantes. A arte era voltada para o domínio técnico, onde deveria preparar alunos para o mercado de trabalho, e o que prevalecia era a reprodução de modelos. As linguagens como teatro, dança, música eram lembradas apenas em datas festivas, celebrações escolares com apresentações que não tinha contexto algum com o conhecimento do ensino da arte.

No início da década de 70 autores já começam a afirmar que o desenvolvimento artístico de aprendizagem não ocorre naturalmente, mas que era tarefa do professor orientar a aprendizagem, onde as habilidades artísticas desenvolviam-se por meio de experiências. O ensino da arte é redimensionado e

volta-se para a valorização, progresso do desenvolvimento dos alunos, disciplina e professores, respeitando suas necessidades, valorizando suas produções.

Na década de 80 ainda havia um descontentamento com a formação de professores, então se constitui a Arte-Educação, que realizava a conscientização dos profissionais para a valorização e o aprimoramento do professor na área. Então, começam a ser realizados encontros por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares nos diversos Estados e regiões do país, promovendo debates, trocas de ideias com o intuito de conscientizar profissionais sobre a valorização, aprimoramento e competência na área para uma nova ação educativa. Com isso os cursos de graduação também começam a ter suas mudanças na estrutura curricular, devido ao seu descaso e desvalorização.

Com o passar do tempo, ficou comprovado que o curso de Educação Artística com dois anos de duração não atendia às especificidades da área nem dava conta de preparar um profissional para atuar no ensino fundamental e médio de maneira polivalente, segundo as exigências da referida LDB. Esse profissional deveria dividir seu tempo de trabalho em sala de aula entre as atividades de Artes Plásticas, Música, Teatro, Folclore e ainda dar conta dos assuntos que anteriormente integravam o currículo da área de Artes das escolas de 1º grau e que permaneciam ainda atrelados aos conteúdos, como o Desenho Geométrico. (SCHRAMM, CABRAL, BRANDT, 2005, p. 47).

Após sete anos iniciam-se pesquisas para uma nova formação de professores aptos para o ensino da Arte, com habilitação em Artes Plásticas.

Em 1988, iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para a obrigatoriedade da disciplina no ambiente escolar. Com a Lei n. 9.394/96, a arte passa a ser incorporada no currículo escolar da educação básica como área de conhecimento com conteúdos próprios e não mais apenas como atividade. “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, §2º apud BRASIL, 1997, p. 25).

No final da década de 90, surgem novas mudanças para o ensino da arte e a área começa a ser identificada agora por Arte e não mais por Educação Artística.

A disciplina de Artes não tem o intuito de formar artistas, mas sim de fazer com que proporcione aos seus alunos a oportunidade da construção da expressividade, criatividade, sensibilidade, manifestação nas diferentes linguagens, fazendo com que se promova em seus alunos uma alfabetização estética. Fazendo

com que reflitam sobre o conceito de belo que temos atualmente e que a arte não se encontra apenas em museus, espaços reservados, fechados com horários fixos e que para compreendê-las não é preciso ser profissionais e críticos em arte.

## 2.1 ARTE E CURRÍCULO ESCOLAR

O conceito de currículo pode ser representado de várias formas, tendo vários pontos de partida para sua definição, como as questões de caráter cultural, social e educativo. Sua construção sempre foi alvo de pesquisa onde tentavam entender e organizar esse processo. Mas, foi somente no final do século XIX, nos Estados Unidos que educadores começam a dar mais significados a essa questão.

Moreira e Silva (1994) relatam que no final dos anos 50, pesquisadores americanos criticaram tais pesquisas, pois acreditavam que a escola havia perdido sua qualidade na formação de cidadãos críticos, onde o conhecimento era direcionado ao tradicionalismo, e o objetivo era fazer com que os alunos não se desviassem de metas e padrões.

Na década de 90 especialistas orientaram a reforma curricular no Brasil e junto com eles vieram seus diversos conceitos. Goodson (1998 apud Pimentel, 2005, p. 25) diz que “o currículo é um curso a ser seguido, a partir de um conteúdo apresentado para estudo”. Já Salinas (1997 apud Pimentel, 2005, p. 25) o define “como a forma pela qual uma sociedade, em um momento concreto de sua história, organiza um conjunto de práticas educativas”.

Para dar-lhe sentido, é necessário que ele seja planejado pela escola, relacionado com o mundo em que estamos vivenciando, fazendo com que consista em experiências de aprendizagem, criação, problematização e conscientização para os alunos. Considerando os objetivos, atividades, conteúdos, regras, organização e avaliação. Pimentel (2005, p. 26) ao abordar seu conceito destaca que:

O currículo é uma tentativa de comunicar os princípios e conceitos essenciais de um propósito educativo, de tal forma que a discussão crítica permaneça aberta e se possam transferir, efetivamente, os conhecimentos dela advindos para a prática.

O currículo deve partir de fundamentos onde deixe clara a compreensão da importância da escola, conhecimento, ensino, aprendizagem para que se formem cidadãos críticos para atuarem na sociedade.

Neste sentido, sua elaboração tem seu papel fundamental, onde pode ser considerado como um planejamento nas práticas escolares a fim de ser construído, socializado e executado, onde possa ser útil e preciso pelo professorado, não sendo

considerado o limite, algo a ser seguido sem questionamentos, revisões, mas sim o referencial, “um bom currículo deve dar oportunidades e não limitações” (Pimentel, 2005, p. 29). Deve ter uma construção social e cultural coletiva a partir de debates, diferentes participações, sendo abertas a discussões e diariamente revisões para que tenha efeito sobre as pessoas. Não deve ser considerado algo obrigatório a ser seguido, mas sim uma referência para orientações. Volpato (2005, p. 78) ao abordar sobre sua importância destaca que “o enfoque maior deve incidir sobre a necessidade de construção de um currículo significativo, que englobe multidisciplinaridade e que possibilite ações e transformações.”

Algumas das questões que também são discutidas ao se estruturar são os conteúdos a serem trabalhados nas escolas. O que devemos ensinar? Será que isto é mais importante de ser ensinado do que aquilo? É a partir dessas escolhas que são definidos o que são mais valorizadas ou não na construção social. Carvalho (2005, p. 105) relata que:

O que é escolhido e selecionado para trabalhar com os alunos são recortes intencionais ou não, que possuem desejos e modos de ser específicos, pois essas escolhas que representam e fabricam a concretização de muitas coisas.

Para muitos o currículo deve ser algo que já esteja pronto na escola, parecendo que as definições das escolhas para sua estrutura não devem ser questionadas, onde não compreendem que o currículo é algo que deve estar ligado a realidade dos alunos, da comunidade por isto ele deve estar sempre em processo de construção.

O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada as formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (MOREIRA E SILVA, 2002, p. 8).

Apesar de todas as transformações que vem ocorrendo em sua história ainda é fácil perceber a comum concentração no tradicionalismo, onde as estruturas de disciplinas, conteúdos, metodologias estão em descompasso com as modificações sociais. Exemplos disso são a falta de conexão com o avanço da tecnologia, informática para a construção do conhecimento.

As tendências pedagógicas usadas na educação brasileira acabaram por formarem práticas pedagógicas no país. Assim seguem algumas das características dessas formas de ensino. Temos em nossa história da educação algumas tendências que marcaram nossa história da educação, entre elas a tendência Liberal, Renovadora Progressista, Renovadora não diretiva, Tecnicista. As Tendências Progressistas, Libertadora, Libertária, Crítico-social, entretanto, a Tendência Tradicional que possui em sua metodologia a preparação dos alunos para assumir sua posição na sociedade, onde no ensino o que predominava era a autoridade do professor, com atividades de fixação, repetição e memorização é o método que ainda é muito utilizado em várias escolas. É necessário romper com esse tradicionalismo persistente em nossa atuação.

Devemos começar a analisar a forma do currículo e reorganizá-lo, pois são questões que também devem ganhar atenção. Moreira e Silva (2002, p. 32) abordam que:

Embora poucos saibamos sobre como essa situação pode ser modificada, podemos esperar que essa questão logo se torne uma das mais importantes no âmbito da teorização educacional crítica. Para isso é necessário que os analistas críticos se tornem menos “escolares” e mais “culturais”.

Essas modificações, alterações devem ser repensadas e discutidas, o que vem acontecendo ou que deveria acontecer em sala de aula, pois são discussões fundamentais sobre a formação de milhões de alunos e professores. “Se essa tarefa não merecer a aplicação de nossos melhores esforços – intelectuais e práticos – nenhuma outra merecerá” (APPLE, 2002, p. 41). Devemos levar a sério o envolvimento da educação com o desenvolver do mundo real, senão estaremos trabalhando contra a realidade. Pois a escola não deve ser apenas um território de regras a serem seguidas, mas deve ser vista como algo que amplie a capacidade humana, construindo pessoas capazes de questionar e transformar a realidade, onde possa haver a relação da sala de aula com a cultura da comunidade e da cidade.

Porém, se formos falar do currículo da aprendizagem em arte veremos que na década de 80 pesquisadores começaram a questionar sobre como ocorria o ensino da arte, para poder compreender o que era importante ser ensinado, quais os conteúdos a serem utilizados, como é possível aprender a arte, quais são seus

objetivos e métodos. Pois até então a arte era considerada apenas uma ferramenta para o desenvolvimento da expressão do aluno, não sendo reconhecida como uma área de conhecimento comparada às outras disciplinas presentes na escola. Com isso tornou-se necessário uma nova abordagem para o ensino da arte. Rizzi (2003, p. 66) aponta que:

Sistematizaram, como conseqüência, a proposta DBAE<sup>3</sup> que aponta para a necessidade da inclusão da *Produção de Arte, Crítica de Arte, Estética e História da Arte* na composição do currículo escolar, estabelecendo um paradigma diferente daquele da auto-expressão criativa que dominou o universo do ensino da Arte no pós-guerra, anos 40 e 50.

Nos anos 90 no Brasil, a pesquisadora Ana Mae Barbosa, começou a construir uma nova concepção do conhecimento em arte que passou a ser chamado de Proposta Triangular, onde sua composição se dá a partir de três eixos básicos: o fazer, a apreciação e a contextualização artística (PCN, 1997). Outro fator que também passou a ser incluído no ensino da arte foi o multiculturalismo<sup>4</sup> devido às inúmeras culturas presentes na sociedade, e a educação especial.

Também a partir da Lei de Diretrizes e Base o ensino da Educação Artística torna-se obrigatório no ambiente escolar, porém primeiramente o ensino é colocado no currículo escolar e apenas depois é que começam a ser implantados os cursos de licenciaturas, portanto nem a obrigatoriedade tornou suficiente a garantia da disciplina no currículo. Com a comprovação de que os cursos de licenciatura curta e plena não davam conta para a preparação de profissionais para atuar no ambiente escolar, os cursos começam a reformular seus currículos.

Ainda vemos a disputa pelo espaço no currículo em relação a horários de aulas, reconhecimento, onde em algumas escolas vemos que a arte está incluída apenas em algumas séries, ou muitas vezes incluída em outras disciplinas ficando a cargo de outros professores, pois ainda é reconhecida por professores de outras disciplinas como sendo um ensino de recreação, lazer, divertimento, como veículo para decoração em festas comemorativas ou mesmo como uma disciplina que sirva

---

<sup>3</sup>Discipline Based Art Education - traduzido como "Arte Educação entendida como disciplina" é uma abordagem de ensino sistematizada a partir de 1982 por uma equipe de pesquisadores patrocinada pelo Getty Center for Education in the Arts. (EUA)

<sup>4</sup> Multiculturalismo é um termo que descreve a existência de muitas culturas numa região, cidade ou país, com no mínimo uma predominante.

para relaxar, descontrair os alunos depois de terem estudado as disciplinas consideradas importantes.

A arte na educação serve para o desenvolvimento do aluno, seja individual ou coletivo, tornando-os seres perceptivos, desenvolvendo a imaginação, capacidade crítica, e seres criativos para que possam mudar a realidade em que vivem. Barbosa (2003, p. 18) aborda que é preciso:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano.

Hoje em dia a sobrecarga das informações visuais também está muito presente, fazendo com que isso contribua na formação de identidades. Essa sobrecarga de imagens também acaba por gerar a formação de estereótipos que são muito encontrados no cotidiano escolar, lugar em que muitas identidades se constituem. Exemplo disso são os murais e salas de aula enfeitados, os desenhos xerocados e até os livros didáticos, com exercícios que muitas vezes trazem até as cores que devem ser utilizadas. Essas figuras intencionalmente ou não acabam por representar modelos estereotipados de representações étnicas, de gêneros, comportamento, como a representação da menina de cabelos claros, lisos, onde na maioria das vezes estão sempre sorrindo, fazendo com que essas imagens na maioria das vezes não sejam similares a realidade.

Ao levarmos essa cultura visual tão predominante para a sala de aula devemos ter a preocupação de que elas resultem em uma construção para o entendimento de nossa cultura, “no entanto, o seu efeito de verdade é fixador, homogeneizante, contínuo, repetitivo e estabilizador de identidades”. (PEREIRA, 2010, p. 209).

Não acredito que as retiradas dessas imagens farão com que as representações estereotipadas desapareçam do ambiente escolar, pois isso também não resultaria em um trabalho tão fácil, começando pela retirada em livros didáticos, mas acredito que são a partir dessas imagens que nós professores devemos fazer com que nossos alunos aprendam a questionar essas representações.

Uma cultura escolar que crie novos assentos e substitua aqueles tradicionais (que nem sempre são mais cômodos) e nos obrigue a reinventar

novos tempos para outras posições de sujeitos, lugares que nos estimulem a mudar nossos pontos de vista sobre sexismo, machismo, racismo, homofobia etc. Uma cultura escolar que forneça espaços de empoderamento para identidades e vozes que foram historicamente silenciadas pelos discursos hegemônicos. (PEREIRA, 2010, p. 225)

Devemos começar uma reconstrução de nossa cultura, em que não seja produzida apenas pelos adultos, onde muitas vezes se orgulham de saber copiar, reproduzir modelos, acreditando que esses desenhos estão relacionando ao gosto infantil. Escutamos crianças a relatar que não sabem desenhar, que quem sabe mesmo é a professora, sendo assim eles preferem por pintar apenas os desenhos prontos entregues nas aulas. São questões que devem começar a ser questionadas e percebidas nas discussões de planejamentos, pois a grande maioria desses desenhos pedagógicos se difere dos desenhos infantis, pois possuem traços e estilos próprios.

E nós como educadores de arte o que temos a oferecer aos nossos alunos? O ensinar e o aprender devem ser construídos a partir da interação do professor e aluno. Mas o que os alunos esperam das aulas de Artes? Como fazer com que aprendam a gostar e valorizar a arte? Martins relata que (2003, p. 52):

A reflexão sobre atitudes e valores propostos na nova lei e as suas ressonâncias nas escolas ou nas instituições culturais implica em rever nossas próprias atitudes como educadores e quanto aos saberes que sabemos e que ainda temos de saber.

Sempre devemos questionar que tipo de arte está presente nas escolas. Ainda prevalece a ideia de que a disciplina só aborda o desenho, pintura e que todos os artistas ensinados estão mortos. O que vemos ainda hoje são os mesmos trabalhos, que eram realizados em meu tempo de escola de educação básica, que muitas vezes estão pouco relacionados com os alunos. E para que haja a construção desse conhecimento devemos colocar nós e aos nossos alunos como pesquisadores da arte, visitantes de exposições, fazendo com que se percebam contemporâneos e não apenas pedindo para que façam nossas propostas sem questionamentos, envolvimento. Coutinho (2003, p. 158) diz que:

O professor de Arte precisa sair da sala de aula e interagir com os espaços culturais, museus, bibliotecas e outras instituições que produzem e veiculam os bens culturais. Precisa se conectar às redes de informação. Precisa buscar o conhecimento junto com seus alunos aonde ele se encontra.

É preciso que se organize um currículo onde os estudantes sintam-se conectados, criem vínculos entre a escola e o mundo, a partir de pesquisas, questionamentos de problemas e que tentem achar possíveis respostas e soluções, onde eles mesmos sejam os protagonistas dessa aprendizagem e não apenas o professor. O papel do professor é construir em seus alunos o hábito de uma aprendizagem de pesquisa crítica, questionável e não a ideia de que a escola sirva apenas para repassar conteúdos. Para uma boa aprendizagem os alunos precisam interpretar e compreender o que estão aprendendo a partir de um processo de organização e orientação de professores e alunos.

Um ensino onde professores não tenham medo de que saia do “controle” do que foi planejado e que abram possibilidades para que alunos, questionem, investiguem, e que sejam capazes de buscar explicações além daquelas passadas pelo professor, já será o começo de um percurso para a relação entre aluno, professor e escola.

Por isso, é importante ver o currículo não apenas como sendo constituído de “fazer coisas” mas também vê-lo como “fazendo coisas *às pessoas*”. O currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes, fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos fazem a nós. O currículo tem de ser visto em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (o que ele nos faz). Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz. (SILVA, 1999, p. 194)

Para a disciplina poder tornar-se essencial é necessário o investimento em sua significação, fazendo com que seja percebida que ela é necessária para o crescimento do cidadão em sua cultura. Para que isso ocorra é necessário começar pelos professores tornando-os capacitados a compreender, contextualizar e fruir a arte, sendo leitores informados e produtores conscientes. Precisamos deixar de lado a tradição de sua presença apenas em datas comemorativas com atividades estereotipadas e a chamada livre expressão onde alunos fazem as atividades por fazer, “a falta de uma preparação de pessoal para entender Arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade”. (BARBOSA, 2003, p. 14). Porém também não devemos nos esquecer de cobrar apenas os professores, pois uma escola é constituída de pais, alunos, direção, comunidade e na maioria das vezes também nos deparamos com escolas

em condições mínimas de trabalho, falta de materiais e infra estrutura que seria o suporte para a realização tanto do professor quanto dos alunos.

Percebendo a importância do currículo para uma aprendizagem mais significativa é necessário que nós professores de arte questionássemos, refletíssemos sobre a inclusão das datas comemorativas em nosso currículo/conteúdo escolar. Se a escola vê nas datas algo que é necessário estar presente no ano letivo cabe ao professor incorporar a temática num contexto maior, onde se problematize, faça os alunos refletir sobre e que não fique apenas no nível de informação, sem contexto, sem relação com a realidade do aluno. “É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo.” (LARROSA, 1994 apud SILVA, 1999, p. 205).

É de extrema importância que abandonamos a forma tradicional com que as datas comemorativas ainda são trabalhadas nas escolas, questionando a direção e orientação da real importância deste trabalho. Devemos nos afastar da visão conteudista por si só, quando isso é executado sem nenhuma interdisciplinaridade.

Essa interdisciplinaridade que é tão falada na elaboração de currículo, planejamentos, mas que ainda é pouco aplicada na realidade de muitas escolas. Falo isso, pois o que propus em minha pesquisa não foge a regra, há ainda muita fragmentação em (relação a sua temática) e os conteúdos são apenas repassados sem uma contextualização, onde isso foi diagnosticado em minha pesquisa que relatarei nos próximos capítulos.

### 3 A REALIDADE DO ENSINO DA ARTE NO MUNICÍPIO DE SIDERÓPOLIS

O município de Siderópolis possui no total, doze escolas, sendo três estaduais, duas particulares e sete municipais, tendo como foco da presente pesquisa observar a metodologia utilizada na educação infantil em relação às datas comemorativas, optou-se pelas escolas municipais, devido ao fato das estaduais não possuírem o ensino da educação infantil e as particulares não possuírem a disciplina específica, pois as aulas são ministradas pelas professoras regentes e são elas que abordam todas as disciplinas não tendo uma especificidade das disciplinas.

Das sete escolas municipais duas são creches e não possuem a disciplina de arte, e das cinco restantes demos preferência por três escolas, pois acreditamos que já nos apresentaria um panorama para a pesquisa pelo fato dos documentos analisados para pesquisa, o Projeto Político Pedagógico (PPP) estarem todos em processo de construção e nenhuma das escolas possuírem os planejamentos dos professores de artes - e das outras áreas -, pois também estão em processo de construção, devido ao fato de estar sendo criada uma proposta para o município, onde tem por objetivo de que os professores das disciplinas trabalhem durante o ano letivo os mesmos conteúdos em toda a rede.

A rede municipal conta com oito professores de artes, habilitados e não-habilitados, onde cinco destes atuam na educação infantil. Como foram escolhidas três escolas, aplicamos o questionário com os professores atuantes nessas mesmas escolas. Das três escolas escolhidas, uma possui o segmento de ensino da Educação Infantil ao 3º ano e as outras duas da Educação Infantil ao 9º ano.

Dessas três escolas pesquisadas, a C. E. I. Criança Cidadã possui seis turmas de Educação Infantil e seis turmas de Ensino Fundamental I. Quanto aos documentos, não possui o PPP, pois sua estrutura começou a ser construída na semana pedagógica do segundo semestre de 2014 e continuará sua construção ao decorrer do ano com reuniões marcadas com professores e pais de alunos. A secretária relatou que desde que a escola começou a funcionar nunca houve a construção de um PPP.

A E. E. B. M. Jorge Bif possui três turmas de Educação Infantil, seis turmas do Ensino Fundamental I e sete turmas de Ensino Fundamental II. Em relação aos documentos já possui seu PPP estruturado faltando apenas os anexos.

A diretora me permitiu o acesso ao documento onde na introdução possui um relato sobre as datas comemorativas, que diz:

No Capítulo II encontramos os itens referentes à organização geral da escola, descrevendo regime de funcionamento, níveis de ensino, número de alunos por série ou turma, normas de organização e convivência, cadastro escolar, função de cada segmento integrante da comunidade escolar, processo de capacitação de Recursos Humanos e calendário escolar. Na seqüência vêm os anexos. Onde discriminamos as datas comemorativas como atividades suplementares e convergentes com a proposta formulada, as atividades de aprendizagem para o desenvolvimento dos Temas Multidisciplinares, os objetivos e conceitos essenciais das diferentes áreas de conhecimento e o processo de avaliação.<sup>5</sup>

Nos anexos o documento possui uma sessão sobre as datas comemorativas, porém não especifica quais são essas datas.

A E. E. B. M. Aurora Péterle possui duas turmas de Educação Infantil, cinco turmas do Ensino Fundamental I e quatro turmas de Ensino Fundamental II. Em relação aos documentos a escola possui um PPP criado em 2010, e agora no segundo semestre de 2014 está começando a reestruturar o PPP. Tive acesso ao PPP do ano de 2010 e na página em que constam quais dias que são considerados dias letivos, o segundo item traz uma escrita sobre uma data comemorativa, onde diz que, “são considerados dia letivos: os feriados, em que se desenvolvem comemorações de datas cívicas, com a presença obrigatória dos alunos e professores”<sup>6</sup>. Nos anexos onde consta o calendário estão incluídas três datas festivas; em agosto a festa Agostina, em setembro o Desfile Cívico e em novembro a Festa da Família.

Em minhas pesquisas em torno dessa temática em relação à realidade do ensino da arte no município de Siderópolis me deparei com uma pesquisa realizada no ano de 1993, em nível de pós graduação *Latu senso*, no qual me fez perceber que essa fragilidade em relação ao ensino da arte ainda persiste. A proposta de sua pesquisa era coletar opiniões, anseios, queixas de professores e alunos do magistério das escolas públicas e particulares de Siderópolis. Sua entrevista foi realizada com 12 professores e 18 alunos, “para sentir a problemática atual de Educação Artística na escola”. (ROSSI, 1993, p. 6).

---

<sup>5</sup>E.E.B. M. JORGE BIF. **Projeto político pedagógico**. Siderópolis, Secretaria de Educação de Siderópolis, 2014 (Mimeo).

<sup>6</sup>*Ibidem*

Quando a autora traz no texto sobre a implantação dos cursos de licenciatura curta e plena que foram implantados na década de 70 para que os professores pudessem se habilitar, uma das professoras entrevistadas atuante na rede estadual do município de Siderópolis formada em Educação Artística no ano de 1990 relata:

Tínhamos professores que não repassavam para nós o que o currículo determinava em matéria de Artes e explicava por quê, dizendo que não ia querer formar concorrentes futuros em sua área, já que era conceituado em Criciúma como decorador, artista e programador gráfico. (ROSSI, 1993, p. 8)

Dos três professores entrevistados para a realização de minha pesquisa, dois possuem formação em Educação Artística, onde na maioria das vezes os escuto relatar que não se sentem preparados para trabalhar, tal linguagem ou conteúdo. Então, algumas vezes me pergunto, será que a formação desses professores tem uma parte nessa falta de saber que metodologia usar? Fazendo com que se sintam muitas vezes desmotivados, despreparados para abordar tal linguagem ou conteúdo?

Em sua pesquisa a autora também traz relatos de alunas do curso de magistério, onde a disciplina geralmente era ministrada por uma pedagoga e não por um especialista na área. A aluna J; da escola estadual acentua:

Desde o início do ano o que vemos e sentimos é que somos tratados como alunos de 5ª á 8ª séries. O que a professora transmite é um festival de pastinhas com modelos para festas, capas de provas, pesquisas sobre artista a, b ou c, sem discutir sua obra ou técnica, quando não faltam, o que acontece bastante. Para os companheiros e amigas que pretendam seguir o magistério de Educação Artística, está sendo um desestímulo, e isto, porque as professoras formadas que conhecemos não fazem muito diferente, salvo boas exceções aqui na nossa cidadezinha. (ROSSI, 1993, p. 8)

Hoje ainda temos muitos casos parecidos, vemos aqui como exemplo o município de Siderópolis onde em algumas escolas as aulas de artes são ministradas pelas próprias pedagogas, em que a disciplina muitas vezes não é específica nem no currículo. Fazendo com que a ideia da disciplina para alguns professores ou alunos algumas vezes continue sendo a mesma, em que a arte é apenas o pintar e desenhar, muitas vezes desenhos xerocados, não ocorrendo leituras, contextualização de obras, abordagem das linguagens, etc.

Mas também percebo que existem as exceções, professores interessados, preocupados com o ensino da disciplina nas escolas, e fazem com que

a comunidade escola percebe que o ensino da arte não é apenas preparadora de eventos, decoradora de datas festivas como dias das mães, dos pais, sete de setembro, etc; ou uma disciplina em que ensina desenhos geométricos, disciplina de descanso ou a famosa expressão dos desenhos livres, ou que sirva apenas para dar suporte a outras disciplinas. Esses relatos aconteceram e ainda acontecem no ambiente escolar, sendo a visão de algumas escolas. Uma diretora entrevistada pela autora da monografia relata que a Educação Artística deve ser trabalhada:

Dentro da escola de forma interdisciplinar, ou seja, fazendo com que a arte integre não só as atividades de dança, música, teatro e artes plásticas, mas também esteja a serviço de disciplinas como Português, Matemática, Educação Física, Ciências etc. (ROSSI, 1993, p. 10)

Porém, apesar de todo o percurso e batalha pelo reconhecimento da disciplina, nos dias de hoje ainda vemos que isso permanece em alguns casos mesmo com as leis e sua obrigatoriedade.

Posso relatar que na atuação do estágio III, no ensino médio, todas as vezes que eu estava atuando a professora de Educação Física da escola vinha pedir se teria como eu disponibilizar alguns alunos para lhe ajudar a manusear, montar brinquedos para as crianças. Confesso que nos dois primeiros encontros não me importei, mas depois percebi que ela só pegava os alunos que estavam na aula de Artes, isso foi me incomodando e então um dia a questioneei o porquê de pegar só os alunos daquela turma e ela me respondeu que era complicado pegar de outras disciplinas, pois perderiam conteúdo. Com isso percebi que o papel da arte na educação ainda é mal compreendido tanto entre alunos quanto entre professores de outras disciplinas.

Hoje, carregados pelos limites e dificuldades da escola pública e da particular, vejo educadores que lutam pela presença da Arte na escola. Professores que não têm parceiros para estudar, discutir, aprofundar suas inquietações. Professores solitários que pouco são instigados em suas reuniões pedagógicas e que se emocionam quando falam de si num espaço que lhe é negado. Há outros contando os dias para a aposentadoria. Há outros aposentados trabalhando mais do que antes! É nessas ambigüidades do cotidiano que temos de encontrar o espaço da Arte na escola, os brilhos de cada fogueirinha, especialmente num momento de transformações. (MARTINS, 2003, p. 59).

É necessário que haja um novo posicionamento dos professores de Artes para uma reconstrução de conceitos sobre a área. Educadores sensíveis capazes de

ampliar a leitura de mundo de seus alunos, onde aprendam a perceber suas culturas, realidades etc. A professora R; entrevistada pela autora da monografia relata que:

Pretendemos um belo dia, ver Educação Artística transformada em Ensino de Arte e obrigatória como disciplina, da pré-escola ao 2º grau, já que em muitos estados é apenas sacramentada como disciplina ou atividade de 1º grau, e ainda com menos de uma aula por semana por série. Na reforma de base que deve vir logo, isto deve ser melhorado.(ROSSI, 1993, p. 28)

A cada dia devemos questionar como esta nossa disciplina, e a conexão das disciplinas, para que possamos introduzir nas escolas não apenas um currículo disciplinar, mantendo-o como está, mas construir situações que envolvam o saber de todas as disciplinas, contextualizando contribuindo assim para a produção e socialização do conhecimento, fazendo o aluno perceber a educação como um todo, e não apenas informações fragmentadas. Barbosa e Horn (2008, p. 35) relatam que:

Um currículo não pode ser a repetição contínua de conteúdos, como uma ladainha que se repete infindavelmente no mesmo ritmo, no mesmo tom, não importando quem ouça, quem observe ou o que se aprende. Afinal, sabe-se que o conhecimento não é verdade imutável, mas algo transitório, inacabado, imperfeito e em contínua pesquisa.

Não podemos ensinar nossos conteúdos, linguagens, temas subdivididos um para cada mês, mais sim construir o conhecimento, junto com dúvidas e questões, e é a partir desse momento que começamos a dar o sentido do que precisa ser estudado, retomando o que é necessário, compreendendo o que é preciso aprofundar em tal turma, “não pode haver um “já foi ensinado e ponto final”, já que em um grupo as aprendizagens não acontecem de uma única vez e nem para todos do mesmo modo” (BARBOSA e HORN, 2008, p. 36). Devemos repensar nossas metodologias onde ao longo do ano nos sentimos “obrigados”<sup>7</sup> a dar conta de passar uma lista interminável de conteúdos fragmentados, em que cada disciplina precisa dar conta de repassá-los e não pensamos na possibilidade da construção integrada. Quanto maior for à profundidade no tema, maior será a construção de seus conhecimentos, não devemos determinar o período, onde temos dias para

---

<sup>7</sup>Nesse caso a expressão dessa palavra está relativa aos que é imposto, que vem por meio de uma ordem, sem se preocupar se está associado a realidade escolar local, se o professor quer e acha de fato importante determinada atividade.

começar e para terminar, devemos pesquisar, discutir, questionar junto com nossos alunos.

Loris Malaguzzi<sup>8</sup> afirmava que os projetos *precisam de um tempo longo*. Podem também ser contínuos ou descontínuos, com pausas ou suspensões. O tempo do projeto é o tempo da vida. Jamais se domina, ao trabalhar com essa metodologia, o que se deveria saber para o empreendimento desde o início ou o tempo que o processo irá durar. É uma incógnita para pais, professores e crianças. O tempo será definido na ação. (BARBOSA e HORN, 2008, P. 47).

Sabemos que as crianças denominam seus interesses, onde geralmente relatam o que gostariam de estudar como os animais, os personagens que aparecem na televisão, pois é o que está a sua volta. Porém para que isso realmente traga um significado é preciso construir um planejamento, onde seja necessário a relação dos temas com os conteúdos, linguagens, onde os façam compreender, relacionar, imaginar, ampliando seus conhecimentos com uma aprendizagem contextualizada, complexa, levando as crianças a sério, parando com o discurso de que porque são pequenas não irão compreender o que estamos falando.

---

<sup>8</sup>Professor Loris Malaguzzi, é fundador de uma filosofia da educação inovadora, através das diferentes 100 linguagens da criança, colocando-a como protagonista em um mundo adulto centrico. Disponível em: [http://www.ppge.ufpr.br/teses/M12\\_Tatiane%20Lopes%20Monteiro.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/M12_Tatiane%20Lopes%20Monteiro.pdf), 2014.

#### **4 ENSINO DA ARTE: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO X DATAS COMEMORATIVAS – UM DIÁLOGO POSSÍVEL?**

A arte nas escolas busca promover o desenvolvimento cultural dos alunos e a busca pelo reconhecimento por uma área de conhecimento. A partir desses novos conceitos é preciso também que se repense os métodos pedagógicos utilizados. Durante muito tempo a arte na escola foi desvalorizada, tratada como um passatempo, ornamento, a serviço de outras áreas ou da livre expressão. Porém mesmo com o avanço na área ainda vemos que estes conceitos continuam presentes nos dias atuais.

Ainda existem professores organizando atividades apenas para manter as crianças ocupadas, distraídas, sem significado algum. Também a utilizando para decorar paredes, murais, elaborar cartões, lembrancinhas para datas comemorativas, onde boa parte da atividade já é encaminhada pelo professor, não havendo a identidade real do aluno. Os desenhos para colorir são exemplos disso, onde acreditam que estão estimulando as expressões artísticas das crianças. Professores argumentam que os alunos aprendem a ter noção de espaço ou pintar dentro das linhas, algo que na verdade não acontece, pois as crianças apenas precisam seguir determinado contorno, muitas vezes não exercendo nenhuma relação do desenho com a vida real, onde não é oferecida a oportunidade de sua expressão, identidade. Com isso também se cria a comum resposta do, “eu não sei desenhar”, pois o aluno vai se tornando dependente de um modelo e este quando for estimulado a criar não saberá, pois em momento algum esse estímulo aconteceu nos bancos escolares. A criança perde a confiança em si própria, sente-se perdida, onde acostuma por esperar que alguém lhe dê um modelo a ser seguido.

A experimentação e a pesquisa têm provado que mais da metade das crianças, expostas aos cadernos de colorir, perdeu sua criatividade e sua autonomia de expressão. Tornaram-se rígidos e dependentes de modelos (LOWENFELD, 1954, p. 24)

Quando a criança é incentivada a criar seu próprio desenho, terá muito mais prazer em realizá-los, suas próprias linhas lhe trarão maior entusiasmo, alegria em produzi-las, e então realmente aprenderá a dominar sua coordenação motora.

É preciso que coloquem a criança frente a uma recordação ou experiência, fazendo com que se integrem, ajudando-as se identificarem com tal

história. Devemos fazer com que estabeleçam relações, dando oportunidades para que descubram por meio de suas experimentações. Não devemos aplicar exercícios soltos, sem estar vinculado a um contexto, conteúdo, tema. É preciso que haja o aprofundamento, contextualização, senão o conceito de arte acaba desaparecendo.

Avaliemos, o mais objetivamente possível, tudo aquilo que fazemos na sala de aula e que reorientemos nossa conduta numa direção que trate mais especificamente da aprendizagem em arte do que do desenvolvimento pessoal de qualidades não necessariamente relacionados com a arte. (LANIER, 1984 apud FERRAZ E FUSARI, 1993, p. 22)

Outra questão é a preocupação de decorar as salas de aula para que haja a satisfação da escola, onde as atividades muitas vezes são selecionadas, pois devem estar bonita aos olhos de outros professores, funcionários, não buscando o objetivo real da arte. “Não obriguemos nossas crianças a respeitar nossos conceitos sobre o “bonito”. Os desenhos ou as pinturas infantis não precisam agradar-nos pelos efeitos externos”. (LOWENFELD, 1954, p. 36). A criança quando está desenhando talvez ainda não consiga estabelecer uma relação entre seu desenho e sua pintura, por exemplo, por isso não devemos interferir dizendo qual é a cor que deve ser utilizada, o aluno utilizou essa cor porque é a que mais gosta, talvez por lembrar, fazer relações com algo que lhe tenha significado. Quando a criança tem o direito de estabelecer essas conexões ela o faz com muito mais envolvimento.

Joãozinho recebeu como presente de aniversário um automovelzinho pintado de vermelho, de que muito gosta. Quando, então, o reproduzir num dos seus desenhos, irá pintá-lo de vermelho, porque é seu carro, e seu carro é vermelho. Isto é muito importante para o menino, porque o automóvel não seria o seu, se não fosse vermelho. (LOWENFELD, 1954, p. 116)

Devemos estimular experiências para que as crianças construam suas próprias expressões artísticas e não para que nos satisfaçam, sejam agradáveis aos olhos de quem vê, sendo corrigidas, impostas a personalidade dos adultos.

Muitos professores justificam fazer tais atividades porque as crianças gostam, porque vêm nos meios de comunicação, porém “o papel do professor é buscar atividades artísticas que, além de prazerosas, possam contribuir para o crescimento da criança”. (SANTOS, 2006, p. 16). Como educadores precisamos ser capazes de avaliar esses meios que estão presentes na vida das crianças, para desenvolvermos um trabalho educativo que aborde uma formação de qualidade. É

necessário que haja a construção de uma metodologia, a partir da pesquisa, da elaboração de planejamentos que sejam possíveis uma real teoria e prática, onde professores possam adotar uma postura no processo educacional. Professores precisam assumir posicionamentos na construção de suas teorias, suas temáticas, propostas, reflexões e análises. Precisamos nos conscientizar de que estamos nos contradizendo quando apresentamos reflexões para a criação de uma metodologia que se respeitem apenas a realidade do aluno, é necessário que isto também se aplique aos professores, onde possam criar suas próprias metodologias e não receber propostas prontas do que deve ser feito. Precisamos questionar sobre nossas atitudes, será que devemos conservar essas práticas ou mudar? Precisamos modificar o posicionamento da arte na educação, repensando nossas metodologias, trabalhos e até em conversas com outros professores.

Há professores que acreditam que para se trabalhar a arte é apenas preciso levar para a sala de aula materiais diversificados e deixar livre para que os alunos criem sem alguma interferência. Outros acreditam que as aulas destinam-se a desenhos prontos, danças e músicas conhecidas.

Nesses três anos que estou atuando como professora de artes venho percebendo que as datas comemorativas ainda estão muito presentes nas escolas, muitas vezes sendo impostas pelas próprias instituições, e que a ideia de que são os professores de artes que devem ser os responsáveis em sua execução ainda permanece. Posso relatar, pois já fui solicitada pela direção ou pelos professores de outras disciplinas que eu incluísse em meu planejamento atividades que abordassem as datas comemorativas. Também pude perceber que as datas comemorativas mais trabalhadas são aquelas que estão presentes no comércio e na mídia e que as datas cívicas que são aquelas que têm uma história, que relatam o porquê de tal realidade do país são as menos trabalhadas. Não sou contra a abordagem de datas que estão presentes no comércio, mídia, se isto faz parte da realidade das crianças devem sim ser exploradas em sala de aula, porém com outro olhar, outro significado, fugindo do consumismo, constituindo uma nova compreensão sobre as temáticas utilizadas em datas comemorativas.

O que percebo é que os professores algumas vezes relatam um breve significado de tal data e após aplicam as mesmas atividades, com as mesmas turmas durante todos os anos, onde a grande maioria já está encaminhada pelo

professor, e seu desenvolvimento não é contextualizado, servindo apenas como atividades de passatempo.

É necessário que se desenvolva em torno das datas abordadas um ensino que enfoque mais uma análise crítica sobre os temas, provoque, levante questões para que se construa uma formação mais crítica dos alunos. Onde se preocupe em, “[...] favorecer ao aluno, a partir das problematizações formuladas por ele e/ou o professor, construir um conhecimento mais complexo e global pertinente ao estudo em questão”. (PEREIRA, 2013, p. 844)

É comum perceber a falta de preocupação por parte do professor ou da direção de que essa abordagem seja de modo significativo, onde seja desenvolvida uma conversa entre alunos, uma reflexão se é possível trabalhar tal data em tais turmas, se é possível que seja feita pesquisas pelas crianças, onde o objetivo é fazer com que os alunos se envolvam, compreendam seu significado, relacionem a data com a arte e que se amplie o repertório dos alunos.

Alguns meses do ano, as crianças ficam continuamente expostas aquilo que poderíamos chamar de indústria das festas. Elas se tornam objetos de práticas pedagógicas sem o menor significado, que se repetem todos os anos da sua vida na educação infantil, como episódios soltos no ar. Os conhecimentos sobre os conteúdos das festividades são fragmentados e, muitas vezes, simplórios. (BARBOSA E HORN, 2008, p. 38).

O que se percebe são apenas professoras preocupadas em organizar quais datas serão trabalhadas, quais são as datas comemoradas a cada mês, onde relatam que muitas vezes não conseguem nem trabalhar o conteúdo de tal disciplina, pois são muitas as datas e quando acabam de abordar uma já se inicia outra, muitas vezes interrompendo o trabalho que está sendo desenvolvido para abordar a data que será comemorada naquela semana.

[...] O ano letivo se encerra e estamos diante da seguinte constatação: fez-se de tudo na escola, encontrou-se tempo para toda espécie de comemoração, mas muito pouco tempo foi destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados. Isto quer dizer que se perdeu de vista a atividade nuclear da escola, isto é, a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado. É preciso, pois, ficar claro que as atividades distintivas das semanas, acima enumeradas, são secundárias e não essenciais à escola. Enquanto tais são extracurriculares e só tem sentido na medida em que possam enriquecer as atividades curriculares, isto é, aquelas próprias da escola, não devendo em hipótese nenhuma prejudicá-las ou substituí-las. (SAVIANI, 1991, apud TONHOLO E OLIVEIRA, p. 4).

A uma unanimidade nas atividades realizadas por todas as turmas. Em fevereiro vemos crianças com máscaras xerocadas e enfeitadas de lantejola e purpurina representando o carnaval, em abril vemos crianças com os rostos pintados e o cocar de índio, e claro os chocolates que são distribuídos para as crianças, em maio e agosto se vê as produções de cartões para mães e pais muitas vezes já utilizados em anos anteriores, em setembro os alunos aprendem a cantar as músicas do marcha soldado com seus chapéus de papel. Será mesmo que esse tempo que é dedicado a pintar, enfeitar crianças, preparar apresentações não seria mais produtivo se fosse para criar atividades mais significativas, desenvolvidas pelas próprias crianças? Diante a esse impasse o que devemos fazer? Quem está certo? Devemos recusar ou participar apenas para satisfazer a instituição? De um lado professores e instituições que pressionam a abordagem das datas comemorativas na sala de aula e do outro, professores que acreditam que a grande maioria das datas não deva mais ser abordada. “Dizem os mais antigos que o equilíbrio entre os extremos é o bom senso. Usar dele talvez seja atender a escola, mas atender também ao que se acredita seja adequado para o ensino de Arte.” (LIBLIK, CISCATO, e GRALIK, 2012).

Será que é possível criar atividades onde ocorra uma relação entre a arte e a satisfação da instituição? Onde o professor de artes deixe de ser visto como um simples profissional, onde suas aulas servem apenas para estimular o consumo, o comércio a decoração das instituições? Atividades que se tornem significativas para o conhecimento de artes entre as crianças? Acredito que as escolas em seus currículos, encontros pedagógicos devam abordar, questionar essa temática, onde devem selecionar tais datas, que tenham relação com seus alunos, onde possibilitem uma aprendizagem significativa para serem abordadas durante o ano letivo. Pois não vemos essas ações sendo realizadas, questionadas entre professores e direção, se realmente traz um ensino de aprendizagem, apenas são aceitas, pois já é uma “tradição” da escola, onde se repetem todos os anos. Onde “o que verificamos nas escolas é que, nos dias que antecedem as datas comemorativas, o movimento é muito maior acelerando o ritmo de todas as ações realizadas.” (TONHOLO E OLIVEIRA, p. 3). É necessário que tal abordagem e o ensino da arte façam com que os alunos compreendam seu verdadeiro significado, o relacionem com seu dia-a-dia para que seja significativo, o aluno necessita aprender o que é a arte e como é possível se expressar através dela.

Na educação, a aprendizagem deve ser desenvolvida através de atividades concretas. Desta forma não cabe ensinar conceitos, mas proporcionar experiências significativas que levem á construção de um conhecimento vivencial [...]. (SANTOS, 2006, p. 51)

É preciso que se estabeleçam relações para que se criem experiências significativas para a construção de seus conceitos, personalidade. Devemos nos conscientizar da presença da arte em nossas vidas. E a criança precisa relacionar isso, mesmo que inconsciente utiliza a arte para expressar suas emoções, onde se sente feliz realizando atividades. As aulas de artes devem dar a oportunidade para que as crianças se expressem a partir de sua identidade.

## 5 APRESENTAÇÃO E OBSERVAÇÃO DE DADOS

A partir de minha inquietação sobre o trabalho com datas comemorativas nas aulas de Artes, fui buscar através da pesquisa as razões da fragilidade, da falta de contextualização quando é abordado este tema no ambiente escolar. Sendo assim, a presente pesquisa foi realizada com três professores de Ensino da Arte da rede municipal de Siderópolis, no qual o principal objetivo era saber se as datas comemorativas são trabalhadas e em caso de uma afirmativa de que forma. A investigação da pesquisa foi realizada através de questionários que continham dez questões, os questionários foram entregues aos professores no dia em que estavam nas escolas, em seus horários de hora atividade, onde após uma conversa concordaram e me retornaram no prazo de sete dias. Os professores envolvidos com a análise serão identificados apenas pela inicial de seus nomes. O primeiro professor será identificado pela letra A, o segundo pelas letras M.L e o terceiro pela letra P. consecutivamente e as perguntas foram destacadas em negrito para que houvesse a distinção entre perguntas e respostas.

A primeira e segunda questão questiona: **“Tempo de profissão” e “Nome das escolas onde trabalhas?”**

Professor A. possui 14 anos de profissão e trabalha no CEI Criança Cidadã.

Professor M. L. possui 6 anos de profissão e trabalha na Escola de Educação Básica Municipal Jorge Bif e Escola João Dagostim.

Professor P. possui 9 meses de profissão e trabalha na Escola de Educação Básica Municipal Aurora Péterle.

Na terceira e quarta questão se questiona: **“Durante esse período de 2014 fizesse algum trabalho relacionado as datas comemorativas? Sobre quais datas? Porque estas datas foram as escolhidas?” e “As atividades que foram desenvolvidas sobre estas datas foram realizadas devido a um desejo seu, a pedido da escola ou das crianças?”**.

Professor A. respondeu que trabalhou a Páscoa, Dia do Índio e Mães, pois são as datas que são trabalhadas a pedido da escola.

Professor M. L. respondeu que trabalhou sobre a Copa e Festa junina, pois eram datas que faziam parte do projeto da escola, onde propôs atividades em que os alunos escolheram a forma de trabalhar.

Professor P. respondeu que trabalhou a Páscoa, Dia do Índio, Mães, Pais e Folclore a pedido da escola e dos professores por acreditarem que são datas que refletem as diversas culturas do país.

Ao analisar estas respostas percebo o pouco envolvimento dos professores e alunos, pois a maioria das datas trabalhadas é abordada devido ao pedido das escolas e não ao desejo dos professores, parecendo que quem determina o que deva ser realizado em sala de aula seja a direção. “Nessa concepção, o conhecimento é algo que existe fora e independente das pessoas envolvidas no ato pedagógico.” (SILVA, 1999 p.59)

Então o que é preciso fazer? Será que temos que estar a todo o momento agradando a instituição? Ou é necessário que os professores questionem juntamente a sua instituição se realmente está sendo trabalhado um real significado das datas.

Acredito que um dos caminhos a ser seguido é o que relatou o professor P, onde a direção e os professores discutiram o que deveria ser trabalho, pois quando é apenas a direção que impõe o que deve ser trabalho, acredito que a teoria fica presa apenas a concepções daquelas pessoas, e não passa a ser questionado se aquele tema realmente tem significado para aquele grupo de alunos. Esses questionamentos entre direção e professores são necessários, pois é preciso conhecer a realidade desses alunos para depois determinar o que pode e deve ser ensinado, para que esse conhecimento não seja limitado, abstrato e sim que possa estar associado “num processo de emancipação e libertação.” (SILVA, 1999, p. 193).

Na quinta questão: **“Escolha uma das datas comemorativas que trabalhaste e conte como foi a metodologia e o envolvimento dos alunos”**.

Professor A. relata a data dos Dias das Mães, pois considera a data mais importante do mês de maio, na qual os alunos utilizaram uma cartolina rosa na forma de uma tábua de carne com um laço vermelho desenhado pelos alunos onde trazia uma bonita mensagem.

Professor M. L. relata a copa do mundo, onde relacionou com a obra, Futebol de Portinari, onde conheceram a vida do artista e cada turma reproduziu a obra com desenhos ou maquetes.

Professor P. relata o Folclore onde questionou os alunos sobre o que era folclore, explicou algumas danças, comidas e personagens e escolheu o Saci pererê, onde contou sua lenda.

Com isso ainda percebe-se a unanimidade sobre as atividades, onde foram elaboradas as mesmas atividades com várias turmas e a falta de contextualização sobre os temas, o que se percebe é que são passados aos alunos apenas informações, sem questionamentos, relações. O que se vê é a falta “[...] nos saberes disciplinares um ato e interolhar interrogativo sobre seus fundamentos e sua contribuição histórica na formação dos sujeitos”. (PEREIRA, 2013, p. 839). O que se percebe é uma forma de conhecimento dirigida apenas pelo professor, onde não se praticam experiências de conhecimentos, apenas conteúdos que tentam ser passados para a mente desses alunos na sua grande maioria de uma forma abstrata. “Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz”. (SILVA, 1999, p. 194), sendo assim é importante que não pensamos apenas em abordar tais temas com nossos alunos porque foi pedido, mas sim nos questionar se esses temas estão contribuindo para o crescimento dessas pessoas.

Na sexta questão: **“Você acredita que foi possível relacionar este trabalho com os objetivos que havia proposto para desenvolver com as crianças ao longo do ano? Como?”**

Professor A. diz que sim, pois houve a socialização entre os alunos.

Professor M. L. também diz que sim, pois usaram técnicas variadas, textura e volume.

Professor P. também relata que sim, pois conseguiu relacionar com o planejamento anual elaborado pelos professores e com os conteúdos de sua disciplina.

Ao ler as respostas acima me questiono o que é entendido por socialização, será que o fato de todos os alunos estarem realizando as atividades juntas, trocando materiais já pode ser entendido como socialização, ou a aplicação de técnicas nas atividades e a possível relação de conteúdos existentes no planejamento é o único objetivo que deva ser alcançado. Então se acredita que essas atividades apenas devam ser repassadas sem a necessidade de uma construção crítica. “O currículo não é, assim, uma operação meramente cognitiva, em que certos conhecimentos são transmitidos a sujeitos dados e formados de antemão”. (SILVA, 1999, p. 195). O currículo, a construção de conhecimento deve

ser entendida como um processo que reúna conteúdos, técnicas da disciplina, mas nisso também deve estar corporificado a formação do sujeito perante a sociedade, seus posicionamentos, questionamentos para que haja a construção do próprio sujeito.

Na sétima questão: **“Para você quais são as datas comemorativas importantes para se trabalhar? Por quê?”**.

Professor A. relata que são a Páscoa, Mães, Índio, Festa junina, Pais, Pátria e Natal, pois são datas que as crianças gostam de fazer as atividades.

Professor M. L. não respondeu esta questão.

Professor P. relata que é a Páscoa, Natal, Folclore e Índio, pois manifesta a cultura de diferentes povos e através destas é possível o envolvimento dos alunos com a música, histórias, lendas, danças, trajes e etnias.

A partir da constatação do professor que relata que essas datas comemorativas são abordadas, pois manifestam a cultura entre os alunos, alguns questionamentos me surgem. Quem diz que datas comemorativas fazem parte da cultura? E se essas datas realmente fazem parte da cultura, o modo como estão sendo ensinadas trazem algum significado para essas crianças como entendimento de cultura? O que se percebe é que o que é ensinado em sala de aula ainda está muito ligado ao adulto, onde ele decide o que faz parte da vida dos alunos.

Historicamente, a gênese da escola está mais ligada á sua constituição como um dispositivo de governo e regulação moral dos indivíduos e populações do que as supostas funções de socialização de uma cultura comum. (SILVA, 1999, p. 202)

Sendo assim a escola não deve ser um lugar de determinados conhecimentos, onde apenas professores e direção são determinados a falar e os alunos são os subordinados, apenas a cumprir funções. Também não devemos aceitar que a escola seja um lugar em que aqueles que estão em um cargo superior é que determinam o que deve ser trabalhado em sala de aula, exemplos disso são a fala dos professores pesquisados onde a maioria das datas escolhidas para serem abordadas era determinada pela direção. Professores precisam dar suas opiniões e discutir se há um real significado em trabalhar tal tema.

O currículo torna controláveis corpos incontroláveis. [...] E não são apenas os corpos discentes que são objeto detalhado e cuidadoso de governo no

currículo. Tende-se a esquecer o quanto os corpos docentes estão submetidos a um processo similar de disciplinamento, domesticação e sujeição. (SILVA, 1999, p. 203)

No ambiente escolar é necessário que haja uma ligação entre conhecimento, regras, funções para que seja possível uma abertura para que se conteste e modifique tais funções.

Na oitava questão: **“Você se sente preparado (a) para abordar esses temas?”**.

Professor A. diz que sim.

Professor M. L. diz que, preparados nem sempre estamos, mas se tivermos oportunidades e interesse em buscar informações através de pesquisas é possível desenvolver bons trabalhos.

Professor P. diz que sim, pois além de elaborar um plano anualmente, também faz planejamento semanalmente o que a ajuda na preparação e garante que tenha um planejamento flexível.

Percebe-se que um professor relatou de que na maioria das vezes não estamos preparados, pois ela tem a consciência que sempre precisamos ter interesse em pesquisar para podermos desenvolver trabalhos mais significativos.

Essa falta de preparação que muitos professores relatam não possuir acaba gerando o catastrófico hábito de apenas dedicarmos um dia para falarmos de determinado assunto, onde se torna o que temos hoje, o DIA DE, Jurjo Torres Santomé (1993, p. 174) relata:

Ao desconectar as situações de diversidades da vida cotidiana nas salas de aula uma das formas mais frequentes de enfrentar-se com a diversidade, como no caso da situação de conhecemos como "O DIA DE....". Em apenas um determinado dia e, inclusive numa disciplina, nos detemos sobre esse tipo de problemática social; no restante dos dias do ano letivo, essas realidades são silenciadas, quando não atacadas.

Isso nos leva a segregação, desvincula-se da cultura, cultura essa que tanto nos engana, que a trazemos para a sala de aula as datas comemorativas sem um contexto histórico. Pereira (2013, p. 839) relata que:

O processo interdisciplinar exige que cada componente nele envolvido esteja consciente da sua contribuição e seu limite para tecer relações necessárias junto aos seus pares. Para tanto, é recomendável que se disponha a construir (ou venha construindo) um pensamento interdisciplinar que lhe permita fazer relações autonomamente, no diálogo com os demais.

Acredito que o processo da interdisciplinaridade quando utilizado para buscar formas de ensino que ajudem os alunos e professores a utilizar o cognitivo, integrar o conhecimento pode ajudar professores a estruturarem e se sentirem mais seguros, preparados para abordar tais temas em sala de aula.

Na nona questão: **“Você tem alguma opinião que gostaria de manifestar sobre o trabalho com datas comemorativas?”**.

Professor A. relata que não.

Professor M.L relata que quando tivermos que trabalhar alguma data é preciso pensar em atividades criativas, que satisfaça a escola, mas que sejam adequadas ao ensino da arte.

Professor P. relata que o corpo docente ao fazer seu planejamento deve complementar as datas como conteúdo, elaborar objetivos e direcionar a aprendizagem.

Acredito que o professor precisa mesmo repensar na metodologia que está sendo desenvolvida sobre as datas comemorativas, pois sua forma de trabalhar com as crianças tornam-se cada vez mais ultrapassadas, sem significados. Não podemos enquanto professores ficar preocupados em “satisfazer a escola”, precisamos sim olhar para a nossa prática pedagógica e refletir se há reflexão do aluno sobre sua produção.

Fico insatisfeita com os modelos prontos de coelhos brancos de páscoa, coração para o dia das mães, gravata no dia dos pais, o caipira de dente quebrado, o Noel cheio de roupa em pleno dezembro em um país tropical e outras representações encontradas com frequência nos murais escolares no período próximo as datas comemorativas. (GORSKY, 2010, p. 19).

Todos os anos vêm os mesmos modelos, com as mesmas turmas, reproduzidos em série. Comprovo este dado, pois vejo nas escolas modelos de cartões sendo reproduzidos que em meu tempo de escola da educação básica, há cinco anos atrás, já eram aplicados. É preciso rever esses padrões estereotipados “e evitar cair na mesma “armadilha” das nossas professoras da pré-escola de presentear os familiares com trabalhos artísticos da criança presos a padrões comuns.” (GORSKY, 2010, p. 19).

Na décima e última questão: **“Para você as datas comemorativas estão relacionadas à cultura ou a mídia consumo do aluno?”**.

Professor A. relata que se procura trabalhar e passar aos alunos a nossa cultura e as coisas mais importantes para que eles valorizem sempre a trajetória de um bom cidadão perante a sociedade.

Professor M.L. relata que, as datas têm relação com a cultura, mas o que se vê nos dias atuais é muito mais a questão do consumismo.

Professor P. pensa que a mídia influencia no consumo, porém também estão ligadas a cultura de diferentes povos, mesmo que o presente “material” não esteja associado, mas para a criança torna-se importante lembrar de alguém que é especial em sua vida e presentear através de um trabalho feita por ela.

Os professores acreditam que as datas estão relacionadas ao consumo e mídia, mas que também fazem parte da cultura. Porém se formos analisar a maioria das datas citadas que são trabalhadas nas escolas são aquelas que, estão mais presentes na mídia, e que as atividades se resumem em grande parte a idéia do presentear, onde são elaborados cartões ou homenagens. Não se percebe, por exemplo, “[...] que as abordagens poderiam estar voltadas mais ao tema “ser mãe”, ou “os diferentes tipos de ser mães”, explorar o relato dos alunos sobre suas experiências, não se focando apenas na questão do presente”. (RUBERTI, 2012, p. 32)

Sendo assim os professores devem cuidar “para não incentivar a manutenção de um único modo de ver o mundo”. (RUBERTI, 2012, p. 33). Não sou contra a abordagem de datas que estão presentes na mídia, comércio, mas acredito que seja preciso sim rever essas abordagens, a partir de um novo olhar, novos questionamentos, metodologias, contextualizações, pois acabam por não perceberem de que essas formas de abordagens acabam sim incentivando o consumo.

## 6 PROPOSTA DE CURSO

**1. TEMA:** Datas comemorativas.

**1.1 TÍTULO:** As datas comemorativas e a contextualização nas aulas de Artes: um diálogo possível?

**2. EMENTA:** Ensino da Arte e as datas comemorativas. A prática docente do professor de arte. As possibilidades e relação entre arte e datas comemorativas. Conceitos e relações.

**3. CARGA HORÁRIA:** 20h/a.

**4. PÚBLICO ALVO:** Professores de arte em atuação na rede municipal de Siderópolis.

## 5. JUSTIFICATIVA

Durantes os três anos em que venho atuando como professora de artes, muitas questões sobre planejamento, conteúdos e temas a serem trabalhados foram surgindo. Mas no decorrer desses anos o que mais me inquietava era o trabalho com as datas comemorativas, onde várias vezes solicitaram-me para inserir no planejamento.

Essa inquietação surge por algumas razões como, o porquê de o professor de artes na maioria das vezes era quem deveria estar a cargo disso, pela falta de questionamento sobre a abordagem de tais datas, o fato de terem quase que um caráter obrigatório nas escolas, a metodologia de como é trabalhada, etc. Sendo assim essas questões passaram a ser questionadas por mim em meu dia-a-dia e são a partir delas que surgiu minha pesquisa.

Ao realizar minha pesquisa de Trabalho de conclusão de curso, decidi por entrevistar três professores de artes atuantes na educação infantil na rede municipal de Siderópolis, onde o questionário continha dez questões sobre datas comemorativas e ao analisar suas respostas percebi que minhas inquietações ainda são as realidades nas aulas de artes. Datas comemorativas onde na maioria das

vezes são trabalhadas a pedido da direção, realizada de maneira superficial, onde muitas vezes o aluno não sabe nem o significado de tal comemoração, de forma estereotipada, onde são entregues aos alunos desenhos xerocados, modelos de cartões prontos sem nenhuma contextualização.

[...] entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais. (BRASIL, p. 32, 1997)

Sendo assim, senti a necessidade de pesquisar e tentar explorar este tema com professores de artes atuantes no município de Siderópolis, para que repensem sobre o trabalho com datas comemorativas.

## **6. OBJETIVO GERAL**

Proporcionar aos professores da rede municipal, reflexões e vivências sobre as datas comemorativas e como esta pode ser trabalhada de forma que propicie a formação artístico-cultural do sujeito.

## **7. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Reconhecer as datas comemorativas como um processo cultural;
- Ampliar os conhecimentos dos professores com relação às possibilidades do trabalho interdisciplinar na escola;
- Propor aos envolvidos diferentes formas de relacionar o tema escolhido com as linguagens artísticas, o contexto histórico e cultural;
- Discutir textos de autores que dialogam sobre a temática sobre essa prática interdisciplinar ressaltando a importância da pesquisa para o planejamento das aulas.

## 8. METODOLOGIA

Encontro	Horário	C/H	Descrição da atividade
1º	18h às 22h	4h/a	No primeiro encontro será apresentado ao grupo o texto: Currículo e identidade social: territórios contestados de Tomaz Tadeu da Silva. Após, será feito um debate sobre os pontos em destaque no texto que dialoga sobre a temática da prática interdisciplinar, ressaltando a importância da pesquisa para o planejamento das aulas.
2º	18h às 22h	4h/a	No segundo encontro será levado para o grupo de professores um texto intitulado, Festa Junina como manifestação da cultura popular inserida no ensino de artes nas escolas de ensino fundamental II do município de Tarauacá, da autora Dulceida Ferreira Sampaio. Este texto será lido pelo grupo e após, discutido. Com essas discussões tentaremos reconhecer as datas comemorativas no planejamento escolar como um processo cultural.
3º	18h às 22h	4h/a	No terceiro encontro será proposto aos professores que façam um estudo sobre as obras de Volpi, quais eram os materiais utilizados para representar as bandeirinhas, como ocorreu o processo de criação, qual o pensamento do artista ao produzir suas obras com essa temática, seu contexto histórico da época, sua atuação na arte brasileira, etc. Após farão uma pesquisa sobre os elementos que caracterizam e compõem a Festa junina em Siderópolis e região.
4º	18h às 22h	4h/a	No quarto encontro será pedido aos professores que a partir das pesquisas realizadas no encontro anterior criem um plano de aula, em que envolvam as linguagens artísticas, o contexto histórico e cultural da festa junina na região e dos alunos do município já adquiridos sobre o tema.
5º	18h às 22h	4h/a	No quinto encontro ocorrerá a socialização. Os professores aplicaram seus planos de aula com os demais colegas, para que juntos possam socializar e opinar para uma melhor construção.

## 9. REFERÊNCIAS

SAMPAIO, Dulceida Ferreira. **Festa junina como manifestação da cultura popular inserida no ensino de artes nas escolas de ensino fundamental II do município de Tarauacá.** 2012. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

SILVA, T.T.(1998) “**Currículo e identidade social: territórios contestados**”, In Silva T.T (org) Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 190-207.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.130p.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que um dos fatores importantes para o ensino da arte na escola, seria um professor pesquisador, que soubesse elaborar seu planejamento contextualizando a realidade no qual seu aluno está inserido e o conteúdo da disciplina de arte, contribuindo assim para a formação de um sujeito que além da criticidade, também possua compreensão sensível-cognitiva, pois sabemos que as atitudes estéticas do ser humano diante da realidade que o cerca, é tão variada quanto os fatores culturais e sociais, responsáveis pela formalização dos sentimentos estéticos e práticas artísticas. Porém, a realidade que temos não contempla essa projeção, por várias situações presentes em nosso contexto escolar, entre elas a ausência de vínculo entre o currículo e identidades sociais, é necessário desconstruir as representações de identidade que estão presentes no contexto escolar, reconstruí-las e acompanhar as mudanças para que os alunos se identifiquem com o conhecimento e a contextualização fazendo-o se sentir inserido no que é produzido.

Minha pesquisa tinha como objetivo, investigar na fala dos professores da Educação Infantil sobre a abordagem de datas comemorativas nas aulas de Artes, e trazia como problema, o que dizem os professores da Educação Infantil sobre a abordagem de datas comemorativas nas aulas de Artes? A partir de minhas questões e ao longo da pesquisa pude perceber que minha inquietação ainda é uma realidade, pois pude constatar a falta de preparação dos professores e das escolas para abordar o tema em questão, onde realizam as mesmas atividades todos os anos, acreditando que este é o melhor modo de trabalhar diante da solicitação de professores e direção, e acabam por não perceber que as metodologias utilizadas simplesmente estão se tornando uma tradição na escola, pois não são questionadas, apenas passam a ser aceitas, onde muitos relatam que o trabalho com as datas comemorativas está direcionado a cultura do aluno, mas na verdade o que acontece é que a maioria das atividades realizadas está mais voltada a questão do presentear do que da ampliação de cultura.

A pesquisa me trouxe uma oportunidade para repensar sobre essa prática que percebo no decorrer do meu dia-a-dia, pois a partir da pesquisa pude estabelecer relações de minhas reflexões juntamente com diálogos de autores e

professores que também fazem parte deste trajeto. Esses diálogos me fizeram perceber que a maneira de abordar as datas comemorativas de forma descontextualizada ainda é uma realidade.

Outro fator que percebi em minha pesquisa é que todos os professores entrevistados relataram que realizaram o trabalho sobre as datas comemorativas a pedido da escola, porém não devemos esquecer quem é a escola, quem é preciso para que ocorra o seu funcionamento, devemos perder o conceito de que em primeiro lugar estão os diretores, depois professores e por fim pais e alunos, todos nós somos os protagonistas responsáveis pela sua existência, então quando fomos decidir o que abordar, ou quem agradar, devemos ter a consciência que esse trabalho deve ser feito em conjunto, onde todos devem questionar, decidir o que é melhor para uma boa aprendizagem.

Meu objetivo foi alcançado no sentido de mostrar a fragmentação e o mecanismo de como as datas comemorativas são trabalhadas no contexto escolar, fazendo com que a minha pesquisa sirva de desafio, onde professores repensem suas práticas pedagógicas, descobrindo e articulando com seus alunos produções artísticas que venham ao encontro de um novo olhar, longe da alienação do conhecimento. Nós professores não devemos apenas aceitar o que foi imposto para ser trabalhado sem que haja a construção de objetivos, reflexões sobre este tema. Devemos aprender a nos libertar de práticas tradicionalistas, estereotipadas e passarmos a questionar sobre o resultado que isso causará na formação de nossos alunos. Ao se realizar a criação do planejamento devemos começar a complementar as datas como conteúdo, elaborar objetivos e assim direcionar a aprendizagem, fazendo com que essa abordagem não seja apenas mais uma atividade tradicionalista.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002. 154 p.
- APPLE, Michael W. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002. 154 p.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília, 1997.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.
- CARVALHO, Carla. O currículo e as escolhas dos conteúdos em arte nas escolas do Ensino Fundamental. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org). **Processos curriculares em arte: da universidade ao ensino básico**. Joinville: Univille, 2005.
- COUTINHO, Rejane G. A formação de professores de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- E.E.B. M. JORGE BIF. **Projeto político pedagógico**. Siderópolis, Secretaria de Educação de Siderópolis, 2014 (Mimeo).
- E.E.B. M. AURORA PÉTERLE. **Projeto político pedagógico**. Siderópolis, Secretaria de Educação de Siderópolis, 2010 (Mimeo).
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FOGAÇA, Jennifer. **Tendências Pedagógicas Brasileiras**. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/tendencias-pedagogicas-brasileiras.htm> Acesso em 04 de dez. de 2014.
- GORSKY, Marina de Souza. **Atividades e Artes na Educação Infantil: Inquietações de uma professora**. 2010. 37 f. Especialização (Pedagogia da arte) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29282/000776463.pdf?...1> Acesso em 19 de set. 2014.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

LIBLIK, Ana Maria Petraitis; CISCATO, Isoldi; GRALIK, Thais. **Datas comemorativas: fazendo arte ou não?** Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69366&>> Acesso em 15 de set. de 2014.

PORCHER, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade.** Tradução de Yan Michalski. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1982.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1954.

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade.** 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002. 154 p.

OSTETTO, Luciana E. (org.). **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: Partilhando experiências de estágios.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

PEREIRA, Alexandre Adalberto. Estereótipos desenhados, identidades projetadas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola.** Santa Maria: Ed. da UFMS, 2010.

PEREIRA, Antonio Serafim. **Ensino e interdisciplinaridade: o que expressam registros, discursos e práticas.** Cuiabá, 2013.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. **Processos curriculares em arte: da universidade ao ensino básico.** Joinville: Univille, 2005.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ROSSI, Dirce Maria Savaris. **Realidade da educação artística nas escolas do município de Siderópolis com um retrato da matéria no Brasil atual.** 1993. Monografia (Especialização em Arte-Educação)- Universidade do Extremo Sul Catarinense – Criciúma.

RUBERTI, Giovanna Siqueira. **Os “dias de” e os outros dias: um olhar sobre o trabalho com datas comemorativas na educação infantil.** 2010. 36 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56383/000859436.pdf?sequence=1>> Acesso em 19 de set. de 2014.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Educação, arte e jogo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SANTOMÉ, Jurjo Torres(1998) **“As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo”**, In Silva T.T (org) Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ, Vozes, pp. 159-177.

SCHRAMM, Marilene de Lima Korting; CABRAL, Rozenei Maria Wilvert; BRANDT, Isabel Mir. Refletindo sobre a estrutura curricular dos cursos de artes visuais. In:PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org). **Processos curriculares em arte: da universidade ao ensino básico**. Joinville: Univille, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TONHOLO, Thamiris Bettiol; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **Datas comemorativas no contexto escolar: Entre a tradição curricular e a necessidade de uma aprendizagem significativa**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Pedagogiapibid/datas-comemorativas-no-contexto-escolar-entre-a-tradio-curricular-e-a-necessidade-de-uma-aprendizagem-significativa>> Acesso em 15 de set. 2014.

VOLPATO, Edite. Arte no Ensino Médio: especificidades e currículo. In:PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org).**Processos curriculares em arte: da universidade ao ensino básico**. Joinville: Univille, 2005.

**ANEXO(S)**

## ANEXO A –Modelo de autorização para pesquisa com professores

**AUTORIZAÇÃO – PESQUISA COM PROFESSORES**

Eu, \_\_\_\_\_ portador do RG \_\_\_\_\_ (nº da identidade) autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de MainaraRossoacadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo, Investigar na fala dos professores da Educação Infantil sobre a abordagem de datas comemorativas nas aulas de Artes.

Atenciosamente, \_\_\_\_\_

Assinatura

Criciúma, ..... agosto de 2014

ANEXO B – Questionário aplicado com os professores da rede municipal de Siderópolis.

	<p><b>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC</b>  <b>CURSO DE ARTES VISUAIS/LICENCIATURA</b>  <b>PESQUISADORA: MAINARA ROSSO</b>  <b>PROFESSORA ORIENTADORA: IZABEL MARCILIO DUARTE</b></p>
---	--

Prezado(a) Senhor(a), para sistematização do meu Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Artes Visuais/Licenciatura, necessito de sua colaboração ao responder o presente questionário, que dará subsídios para que eu conclua minha pesquisa, que tem como título, **As datas comemorativas no contexto escolar: um olhar sobre a aprendizagem significativa nas aulas de Artes.**

Sua colaboração e sinceridade nas respostas são fundamentais para que os objetivos do estudo sejam alcançados.

### QUESTIONÁRIO

Nome: \_\_\_\_\_

Local de Trabalho: \_\_\_\_\_

Formação/Instituição: \_\_\_\_\_

( ) Graduado em: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

( ) Pós graduado em : \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

( ) Outros: \_\_\_\_\_

1 – Tempo de profissão?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2 - Nome da escola onde trabalhas?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3 - Durante esse período de 2014 fizesse algum trabalho relacionado as datas comemorativas? Sobre quais datas? Porque estas datas foram as escolhidas?

\_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

4 – As atividades que foram desenvolvidas sobre estas datas foram realizadas devido ao um desejo seu, a pedido da escola ou das crianças?

---

---

---

---

---

5 – Escolha umas das datas comemorativas que trabalhaste e conte como foi a metodologia e o envolvimento dos alunos.

---

---

---

---

---

6 – Você acredita que foi possível relacionar este trabalho com os objetivos que havias proposto para desenvolver com as crianças ao longo do ano? Como?

---

---

---

---

---

7 – Para você quais são as datas comemorativas importantes para se trabalhar? Porque?

---

---

---

---

---

8 – Você se sente preparado (a) para abordar esses temas?

---

---

---

---

9 – Você tem alguma opinião que gostaria de manifestar sobre o trabalho com datas comemorativas?

---

---

---

---

10 – Para você as datas comemorativas estão relacionadas a cultura ou a mídia consumo do aluno?

---

---

---

---

---

---

ANEXO C – Questionário aplicado com o professor intitulado por A. na análise de dados.

 <p>UNESC UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE</p>	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC CURSO DE ARTES VISUAIS/LICENCIATURA PESQUISADORA: MAINARA ROSSO PROFESSORA ORIENTADORA:</p>
--	--

Prezado(a) Senhor(a), para sistematização do meu Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Artes Visuais/Licenciatura, necessito de sua colaboração ao responder o presente questionário, que dará subsídios para que eu conclua minha pesquisa, que tem como título, **As datas comemorativas no contexto escolar: um olhar sobre a aprendizagem significativa nas aulas de Artes.**

Sua colaboração e sinceridade nas respostas são fundamentais para que os objetivos do estudo sejam alcançados.

**QUESTIONÁRIO**

Nome: A.

Local de Trabalho: CEIC Criança Cidadã

Formação/Instituição: Unesc

(X) Graduado em: licenciatura Em Ed. Artística Ano: 1996

(X) Pós graduado em: Especialização em Tec. Aplicadas à Educação Ano: 2003

( ) Outros: \_\_\_\_\_

1 – Tempo de profissão?  
14 anos

2 - Nome da escola onde trabalhas?  
CEIC Criança Cidadã

3 - Durante esse período de 2014 fizesse algum trabalho relacionado as datas comemorativas? Sobre quais datas? Porque estas datas foram as escolhidas?  
Páscoa, Dia do Índio, mães, porque é as datas que se trabalha nas escolas.

4 – As atividades que foram desenvolvidas sobre estas datas foram realizadas devido ao um desejo seu, a pedido da escola ou das crianças?

A pedido da escola. (os professores trabalham as datas com os alunos).

5 – Escolha umas das datas comemorativas que trabalhaste e conte como foi a metodologia e o envolvimento dos alunos.

Foi a das mães a data mais importante do mês de maio. Na qual os alunos utilizam uma cartolina rosa na forma de uma tabua de carne com lacinhos vermelhos com desenhos feitos por eles no exterior da tabua. (fazendo uma bonita mensagem).

6 – Você acredita que foi possível relacionar este trabalho com os objetivos que havias proposto para desenvolver com as crianças ao longo do ano? Como?

Sim, como a socialização entre elas.

7 – Para você quais são as datas comemorativas importantes para se trabalhar? Porque?

Páscoa, mães, Índio, Festas juninas, Pais, Pátria, Natal.

As crianças gostam de participar das atividades junto com os professores.

8 – Você se sente preparado (a) para abordar esses temas?

Sim.

9 – Você tem alguma opinião que gostaria de manifestar sobre o trabalho com datas comemorativas?

Não

10 – Para você as datas comemorativas estão relacionadas a cultura ou a mídia consumo do aluno?

Sim, a gente procura sempre trabalhar e passar para os nossos alunos a nossa cultura e as coisas mais importantes, para que eles valorizem sempre sua trajetória de uma boa cidadã perante a sociedade.

Nome: Isabela

Local do Trabalho: CEIC Guanacã cidade

Formação/instituição: Unicamp

(\*) Graduado em: Letras em Língua Portuguesa Ano: 1996

(\*) Pós graduado em: Suplicação em Língua Portuguesa Ano: 2007

( ) Outros: \_\_\_\_\_

1 - Tempo de profissão?

14 anos

2 - Nome da escola onde trabalha?

CEIC Guanacã cidade

3 - Durante esse período de 2014 fez-se algum trabalho relacionado as datas comemorativas? Sobre quais datas? Porque estas datas foram as escolhidas?

Sim, sendo todos os meses, porque as datas que se trabalha nos meses

ANEXO D – Questionário aplicado com a professora intitulada por M.L. na análise de dados.

APÊNDICE

 <p>UNESC UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE</p>	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC CURSO DE ARTES VISUAIS/LICENCIATURA PESQUISADORA: MAINARA ROSSO PROFESSORA ORIENTADORA:</p>
--	--

Prezado(a) Senhor(a), para sistematização do meu Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Artes Visuais/Licenciatura, necessito de sua colaboração ao responder o presente questionário, que dará subsídios para que eu conclua minha pesquisa, que tem como título, **As datas comemorativas no contexto escolar: um olhar sobre a aprendizagem significativa nas aulas de Artes.**

Sua colaboração e sinceridade nas respostas são fundamentais para que os objetivos do estudo sejam alcançados.

QUESTIONÁRIO

Nome: Mainara Rossato

Local de Trabalho: \_\_\_\_\_

Formação/Instituição: Lucrê

( ) Graduado em: Educação Artística Ano: 1988

( ) Pós graduado em: Arte Educação Ano: 2011

( ) Outros: \_\_\_\_\_

1 – Tempo de profissão? 06 anos

2 - Nome da escola onde trabalhas?  
Escola Jorge Bif  
Escola João Domingos

3 - Durante esse período de 2014 fizesse algum trabalho relacionado as datas comemorativas? Sobre quais datas? Porque estas datas foram as escolhidas?  
Dim. Lopa 2014 e Festa Junina.

As datas faziam parte do projeto da escola, sendo que cada professor deveria trabalhá-las em sua disciplina.

4 – As atividades que foram desenvolvidas sobre estas datas foram realizadas devido ao um desejo seu, a pedido da escola ou das crianças?

Propus as atividades que poderiam se encaixar no tema e cada aluno escolheu a forma de trabalhar.

5 – Escolha umas das datas comemorativas que trabalhaste e conte como foi a metodologia e o envolvimento dos alunos.

Copa do mundo 2014.  
- Trabalhamos a obra "Futebol" do artista Cândido Portinari, onde conhecemos a vida do artista e cada turma reproduziu a obra com desenhos ou maquetes.

6 – Você acredita que foi possível relacionar este trabalho com os objetivos que havias proposto para desenvolver com as crianças ao longo do ano? Como?

Sim, pois neste trabalho usamos técnicas variadas de formas, texturas e relevo.

7 – Para você quais são as datas comemorativas importantes para se trabalhar? Porque?

8 – Você se sente preparado (a) para abordar esses temas?

Preparado, acredito que nem sempre

estamos, mas se tivermos oportunidades e interesse em buscar informações através de pesquisas poderemos desenvolver bons trabalhos

9 – Você tem alguma opinião que gostaria de manifestar sobre o trabalho com datas comemorativas?

Quando tivermos que trabalhar alguma data devemos pensar em atividades criativas que satisfaça a escola, mas que sejam adequadas ao ensino da arte!

10 – Para você as datas comemorativas estão relacionadas a cultura ou a mídia consumo do aluno?

As datas têm sim relação com a cultura, mas o que se vê nos dias atuais é muito mais a questão do consumismo

Nome: Alana  
 Local de Trabalho: Escola  
 Formação/Instituição: Artes  
 Graduada em Artes Ano: 1928  
 Pós graduada em Artes Ano: 2011  
 Outras: \_\_\_\_\_

1 – Tempo de profissão? 16 anos

2 – Nome da escola onde trabalha? Escola José de Sá  
Escola José de Sá

3 – Durante esse período de 2014 houve algum trabalho relacionado as datas comemorativas? Sobre quais datas? Por que essas datas foram as escolhidas?  
Dia da Lapa 2014 e Festa Junina

ANEXO E - Questionário aplicado com a professora intitulada por P. na análise de dados.

 <p>UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense</p>	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC CURSO DE ARTES VISUAIS/LICENCIATURA PESQUISADORA: MAINARA ROSSO PROFESSORA ORIENTADORA:</p>
--	--

Prezado(a) Senhor(a), para sistematização do meu Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Artes Visuais/Licenciatura, necessito de sua colaboração ao responder o presente questionário, que dará subsídios para que eu conclua minha pesquisa, que tem como título, **As datas comemorativas no contexto escolar: um olhar sobre a aprendizagem significativa nas aulas de Artes.**

Sua colaboração e sinceridade nas respostas são fundamentais para que os objetivos do estudo sejam alcançados.

QUESTIONÁRIO

Nome: P.

Local de Trabalho: Alto Rio Maina - Dilerópolis

Formação/Instituição: Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI)

( ) Graduado em: Artes Visuais (curando) Ano: 2015.

( ) Pós graduado em : \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

( ) Outros: \_\_\_\_\_

1 – Tempo de profissão?

9 meses.

2 - Nome da escola onde trabalhas?

Escola de Educação Básica Municipal Aurora Petere

3 - Durante esse período de 2014 fizesse algum trabalho relacionado as datas comemorativas? Sobre quais datas? Porque estas datas foram as escolhidas?

Sim.

3- Sim. Através da elaboração de cartazes, colagens, desenhos e cartões, auxiliiei os educandos, onde trabalhou-se as seguintes datas comemorativas: Páscoa, Dia do índio, Dia das mães, dia dos pais e Folclore. As mesmas foram escolhidas a pedido da Escola e pelo corpo docente achar importante, pois algumas dessas datas refletem as diversas culturas presentes em nosso país.

4- A pedido da Escola e em parte do grupo docente, pois realizamos reuniões fora do período escolar, para decidirmos democraticamente qual(is) projeto(s) e qual(is) data(s) comemorativa(s) é importante trabalharmos.

5- Folclore. Comecei a aula questionando o que era Folclore, e nenhum educando tinha conhecimento sobre o assunto. Então, acabei citando algumas danças populares, comidas e até alguns personagens bem conhecidos, como: Iara, Saci Pererê, Cuca e as crianças foram citando outros personagens, pois disseram que os conheciam por causa do seriado do Sítio do Pica-pau Amarelo que passava na TV. Falei então, que o personagem escolhido era o Saci Pererê, comecei a falar um pouco do personagem e contei uma história.

Achei que os educandos tiveram uma aprendizagem significativa, pois até então não conheciam o Folclore, e conhecendo alguns personagens houve muitos questionamentos como: Qual a cor da roupa? Por que tem uma perna só? Entre outras.

6- Sim, pois o planejamento anual, elaborado no início do ano, pelo corpo docente é direcionado pelo calendário seguindo as datas comemorativas e conteúdos específicos da disciplina de Artes. Nele contém objetivos centrados nestas datas comemorativas. Ao longo do ano, o corpo docente se reúne para decidir a importância de se trabalhar as datas comemorativas e como direcionar este conhecimento.

7- Páscoa, Natal, Folclore, Dia do índio, entre outras; pois manifesta a cultura de diferentes povos, e através destas datas podemos envolver o educando com a música, a história, as lendas, as danças e os trajes específicos de cada época e etnias.

8. Sim, pois além de elaborar um plano anualmente, também faço planejamentos semanalmente, o que ajuda na minha preparação como professora e, garante que eu tenha um planejamento flexível.

9. Penso que para se trabalhar com datas comemorativas o docente, ao fazer seu planejamento anual, deve complementá-lo como conteúdo a ser trabalhado durante o ano, as datas comemorativas e, citá-las elaborando objetivos específicos centrados não só no educando, bem como a aprendizagem que se quer direcionar.

10. Penso que a mídia influencia no consumo, porém também estão ligadas à cultura de diferentes povos, mesmo que o presente "material" não esteja associado. Para a criança, torna-se importante lembrar de alguém que é especial em sua vida e presentear-lo(a) com um gesto de amor, através de um trabalho feito por ela.